

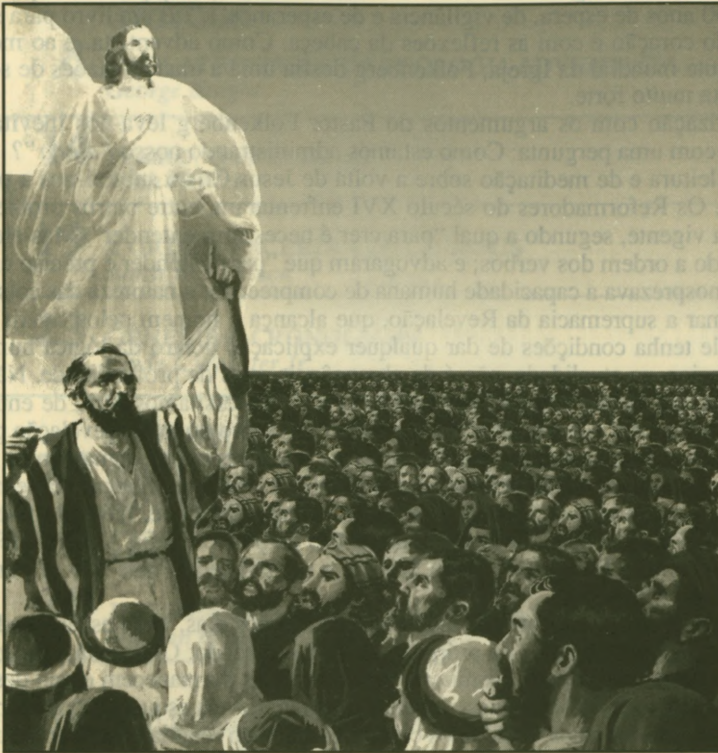
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

SA PUBLICADORA BRASILEIRA

BIBLIOTECA

TATUI



PEDRO, O PREGADOR

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Nós cremos ainda

O título deste editorial é a tradução livre da obra do Pastor Robert Folkenberg, lançada neste ano em que se registra o sesquicentenário do grande movimento profético adventista. A frase, que é o título original do livro – *We Still Believe* –, vem precedida pela declaração “depois de 150 anos de espera, de vigilância e de esperança...”. É um livro para ser lido com as emoções do coração e com as reflexões da cabeça. Como adventista, e ao mesmo tempo como presidente mundial da Igreja, Folkenberg desafia uma a uma as razões de seu “ainda”, que se constata muito forte.

A familiarização com os argumentos do Pastor Folkenberg leva-nos inevitavelmente à confrontação com uma pergunta: Como estamos administrando nosso “ainda”?

A falta de leitura e de meditação sobre a volta de Jesus Cristo subtrai-nos a percepção de sua realidade. Os Reformadores do século XVI enfrentaram, entre outros problemas, a postura filosófica vigente, segundo a qual “para crer é necessário entender”. Mas eles a derrotaram, invertendo a ordem dos verbos; e advogaram que “para entender é preciso crer”.

Não se menosprezava a capacidade humana de compreender a natureza das coisas. O que se fazia era afirmar a supremacia da Revelação, que alcança o homem pelos canais da fé, antes mesmo que ele tenha condições de dar qualquer explicação dentro da lógica humana. Nossa necessidade maior, na atualidade, não é de abrangência, mas de profundidade. Não necessitamos de explicações novas sobre a “demora de Deus”. Precisamos, sim, de entrar naquelas áreas conhecidas apenas superficialmente, e receber um sopro novo de Revelação para crer nos esquemas de Deus, para entender o que devemos *ser e fazer* enquanto aguardamos Sua volta.

Lemos nas Escrituras: “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo Aquele que vem virá, e não tardará; todavia, o Meu justo viverá pela fé; e se retroceder, nele não se compraz a Minha alma.” (Heb. 10:35-38).

E mais: “Tendo em conta, antes de tudo que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.” (II Ped. 3:3, 4, 8 e 9).

Mesmo que, do ponto de vista humano, pareça demorar, o Senhor cumprirá a promessa que fez e que se tornou a mais doce esperança cristã, anunciada pelos profetas, celebrada nos Salmos, encarecida pelos apóstolos e acariciada pelos cristãos de todas as eras: “Voltarei, e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também” (João 14:3).

A leitura e a meditação sobre a volta de Jesus Cristo darão ao Espírito Santo a oportunidade por Ele desejada, para retemperar o núcleo de nossas esperanças e de nossas certezas. Nossos sermões, por via de consequência, fortalecerão os corações, igualmente necessitados de esperança e carentes de certeza, daqueles colocados por Deus à nossa frente, semanalmente, para ouvir, crer e entender.

“Apesar das aparências em contrário, os fatos não estão escapando da mão de Deus. Ele mantém o controle porque é o Senhor da História... Do homem de fé, Deus pede a perseverança e a confiança...” (C. Masters). – *José M. Viana*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64 – Número 11 – Nov./Dez. 1994 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
- BIBLIOTECA -
TATUI

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 NÓS CREMOS AINDA
José Mascarenhas Viana

4 ENTREVISTA

ARTIGOS

8 AS QUATRO FASES DA TEOLOGIA ADVENTISTA
George Knight

14 PEDRO, O PREGADOR
Jonh Fowler

19 A ORDEM SACERDOTAL DE JESUS
Almir A. Fonseca

23 GÊNESIS E CRONOLOGIA
Clyde L. Webster Jr.

PASTOR

28 MEU MARIDO COMETEU ADULTÉRIO
Marie Dickson (pseudônimo)

AFAM

30 INFLUÊNCIAS QUE PERMANECEM
Sharom Cress

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: A. Rios.

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

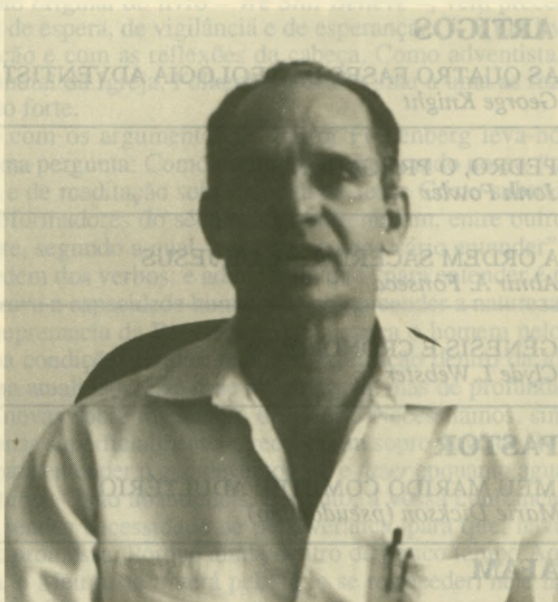
2248

A vitória do adventismo é inquestionável

Depois de concluir o curso teológico no IAE, em 1962, o Pastor Jorge Lucien Burlandy iniciou suas atividades pastorais na Missão Baixo-Amazonas, onde permaneceu por seis anos. Em seguida, outros seis anos na antiga Associação Rio-Minas e cinco anos na Associação Brasil Central. Posteriormente trabalhou na Associação Paulista Sul, como ministerial, secretário, e presidente; e foi também secretário ministerial da União Central-Brasileira.

O Pastor Burlandy participou da primeira turma do curso de Mestrado em Teologia, e atualmente cursa o Doutorado em Teologia Pastoral, realizado durante as férias de verão, no Instituto Adventista de Ensino, Campus Central. Sua esposa é a Professora Ednice Burlandy, que tem atuado como diretora de escolas, coordenadora pedagógica e, atualmente, leciona Didática e coordena o programa de estágios da Faculdade de Pedagogia do IAE. O casal tem quatro filhos.

Foi em seu escritório, na sede do Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, Salt, Sede Sul, do qual é o diretor, que o Pastor Burlandy recebeu o editor da revista MINISTÉRIO para a seguinte entrevista:



Pastor Jorge Lucien Burlandy.

MINISTÉRIO: *Como é administrar o Salt?*

PASTOR BURLANDY: Eu diria que, após muitos anos trabalhando como pastor distrital, departamental e presidente de Campo, administrar o Salt é uma experiência nova, estimulante, e que ajuda a crescer. Sinto-me bem entre jovens que alimentam o ideal de liderança espiritual em igrejas, e tem sido muito gratificante acompanhar o seu desenvolvimento.

Eles chegam aqui e vão adquirindo experiência e maturidade, através do contato com os professores. Acompanhar e participar desse crescimento é uma experiência compensadora.

MINISTÉRIO: *Quantos são os alunos do Salt?*

Iniciamos o ano com 340 alunos. Mas, sempre há uma evasão de 10%, do primeiro para o segundo semestre. De modo que atualmente temos 317 alunos, divididos em oito turmas. Há aproximadamente 60 formandos, entre alguns que já concluíram o curso na metade do ano e duas turmas que o farão no fim do ano.

MINISTÉRIO: *Como o Salt está preparando o pastor da virada do século, do ano 2000?*

PASTOR BURLANDY: Acredito que fatores como o crescimento da Obra no Brasil e

no mundo, a situação global do mundo moderno, o desgaste da autoridade em toda parte, e em vários níveis, afetam bastante o ministério. No preparo de pastores para uma época tão especial, o Seminário leva muito em conta a vida espiritual do aluno. Nossa ênfase reside num sólido preparo acadêmico aliado a um elevado nível espiritual. Nesse sentido, as aulas, as palestras, a conduta dos professores, enfim, tudo é feito para que as novas gerações de ministros estejam capacitadas a enfrentar com êxito os desafios do ano 2000.

Nesse processo de capacitação, já no primeiro ano do curso, os alunos fazem estágio na igreja do Colégio, observando o funcionamento dos departamentos e aprendendo junto aos obreiros e oficiais. Os alunos do segundo ano praticam o evangelismo pessoal, indo de casa em casa, na vizinhança da escola. No terceiro ano, eles saem para as conferências. E, no quarto ano, dirigem semanas especiais de oração em igrejas das Uniões Sul e Central. A Associação Paulista Central separou 16 distritos na redondeza, onde os quartanistas participam ativamente. Essa prática é fundamental para a formação de bons obreiros. As esposas e noivas dos futuros pastores não foram esquecidas. Temos aqui um segmento da AFAM, sob a liderança da irmã Irani dos Reis, esposa do Professor Emilson, com a responsabilidade de preparar as esposas de pastores do próximo século.

MINISTÉRIO: *Defina o que é um pastor de sucesso.*

PASTOR BURLANDY: Entendo que um pastor de êxito é aquele que, primeiramente, captou bem a importância de um relacionamento com Jesus Cristo. Como resultado disso, ele deve ter plena consciência da função da Igreja e do movimento adventista; dando-se ao trabalho de manter um relacionamento muito pessoal com o rebanho, de tal modo que este seja devidamente assistido, recebendo a nutrição espiritual e treinamento para a missão. Ele deve ter também uma visão evangelística de tal modo sadia e abrangente que o leve a empenhar-se não apenas no crescimento quantitativo, mas qualitativo da comunidade.

MINISTÉRIO: *Nesse caso, uma avaliação centralizada apenas em número de batizados não é tudo?*

PASTOR BURLANDY: Creio que há, evidentemente, a necessidade de se quantificar alguns resultados. Mas também há o perigo de olharmos unilateralmente para esse

aspecto, descuidando a observação de outros fatores relacionados com o crescimento numérico. Por exemplo, antes de avaliar se um pastor é eficiente ou não, por batizar muitos ou poucos, precisamos conhecer bem o grau de receptividade da região onde ele está trabalhando, seu nível de experiência como obreiro; e sua necessidade inicial de acompanhamento por parte de pastores mais experientes, que o motivem e entusiasmem de maneira saudável e positiva.

MINISTÉRIO: *Quais as prioridades que o ministro deveria ter em sua vida pessoal e profissional?*

PASTOR BURLANDY: A prioridade sem a qual quaisquer outras prioridades nunca serão achadas, é a qualidade da comunhão com Cristo, sua devoção pessoal e familiar. Depois, o pastor precisa atender bem à sua família. Ele precisa estar bem com Deus e com a família para, então, atender ao rebanho de maneira eficiente. Eu ainda acredito naquele tipo de pastor que sai de casa em casa motivando o rebanho, atendendo as suas necessidades. O crescimento material do distrito vem depois e como resultado do atendimento a essas prioridades.

MINISTÉRIO: *Baseado em sua experiência como secretário ministerial, que sugestões daria para o estabelecimento de um programa de trabalho que correspondesse às necessidades da igreja?*

PASTOR BURLANDY: Quando eu visitava os pastores no Campo, a primeira preocupação era a família pastoral. Depois, observava os hábitos de leitura e estudo do pastor, seu planejamento de trabalho e as necessidades do distrito. Então trabalhávamos num planejamento simplificado, partindo das prioridades anteriormente mencionadas às atividades evangelísticas e de treinamento, e ao crescimento patrimonial. Cada situação pode requerer métodos e planejamento diferenciados. O importante é que o pastor, dentro de suas realidades, conhecendo seu campo de trabalho, estabeleça um programa de atendimento equilibrado a todas as áreas.

As orientações eram sempre no sentido de que os colegas dividissem e coordenassem o seu dia, de maneira que tivessem tempo para devoção, atendimento à família, visitação pastoral, administração da igreja, pregações e evangelismo público e pessoal.

MINISTÉRIO: *No seu modo de ver, estaria o evangelismo público tradicional passando por uma redefinição?*

PASTOR BURLANDY: Lamentavelmente há indícios de que o evangelismo público não é mais como no passado. Há ainda campo, e sempre haverá, para o evangelismo público. Mas ele está passando por uma mudança, e necessitamos mesmo nos adequar aos novos tempos. Mas eu diria que com um pouco mais de aplicação, ainda conseguimos excelentes resultados nesse tipo de evangelismo. Uma prova disso é o treinamento que os estudantes recebem nessa área. Eles saem nos meses de setembro a novembro, organizados pelo professor da matéria, Pastor José Miranda, e participam das campanhas nas Uniões Central e Sul. O Salt se preocupa em formar pastores com visão evangelística, sem a qual eles não terão condições de impulsionar suas igrejas. Continuo acreditando nas possibilidades do evangelismo público, apesar de os meios de comunicação nos forçarem a buscar algum aperfeiçoamento em nossos métodos.

MINISTÉRIO: *A participação dos estudantes nestas campanhas tem realmente contribuído para imprimir-lhes uma mentalidade evangelística?*

PASTOR BURLANDY: Não tenho condições de dizer o que ocorre lá fora, mas posso falar do que sinto aqui dentro do Seminário. O planejamento de evangelização leva tempo, requer dinheiro, e um grande sentido de organização. Mas graças aos Campos, à boa vontade do pessoal do Colégio e dos próprios estudantes, o esforço tem sido compensador. Só a turma do ano passado relatou mais de 500 pessoas preparadas para o batismo, em vários locais de trabalho. Isso representa uma média de sete pessoas por estudante. A contribuição para o crescimento numérico da igreja significa muito, mas eu avalio algo mais: a mudança que ocorre na mentalidade do aluno. Ele sai daqui com uma certa expectativa para uma aventura incerta, mas volta agradecido pela experiência adquirida no lidar com as pessoas, resolvendo problemas surgidos no processo do estudo bíblico, ou pelo aprendizado com um evangelista experiente. A vibração é geral. É um plano que deu certo, e eu acredito que o estudante que passa por ele, terá uma visão diferente lá no campo de trabalho.

MINISTÉRIO: *No sesquicentenário do movimento adventista, como vê o perigo do secularismo em relação à Igreja?*

PASTOR BURLANDY: Logicamente isso exige de todos nós uma certa vigilância, no sentido de aprendermos as lições da História.

A experiência de outras denominações deve nos ensinar alguma coisa. Mas não acredito, embora não devamos baixar a guarda, que iremos enveredar completamente pelo caminho do secularismo. Somos um movimento profético. Sempre estamos sendo confrontados com a nossa missão. A cada Assembléia da Associação Geral, recebemos um novo ânimo, gerador de mais envolvimento missionário. A missão está sempre diante de nós. Eu acredito muito que, sendo este um movimento profético, único, será cumprido o que está escrito a seu respeito. Pela operação da graça divina, pelo poder do Espírito Santo através de sua liderança e na vida de seus membros, a Igreja Adventista será o instrumento através do qual o mundo será cheio da glória do Senhor. Eu não tenho a menor dúvida sobre o final glorioso desse movimento. E acho que um dos estímulos na formação de novos obreiros é incutir neles essa certeza.

MINISTÉRIO: *O senhor vê alguma ameaça doutrinária à Igreja?*

PASTOR BURLANDY: Sim, vejo. Por isso mesmo eu disse que temos que estar despostos e, na hora devida e da maneira devida, neutralizar qualquer influência que venha de doutrinas e movimentos espúrios. Entendo, todavia, que esses solavancos que às vezes vêm de dentro, servem apenas para prová-la e fortalecê-la. O que eu tenho observado é que quando a Igreja sofre alguma ameaça teológica, ela reage e fica mais sólida, mais fortalecida, e dotada de mais convicção a respeito da vontade de Deus.

MINISTÉRIO: *Como vê a Missão Global?*

PASTOR BURLANDY: Eu entendo que em relação aos planos anteriores, Missão Global foi um grande avanço, em muitos aspectos. Já tivemos bons planos; no entanto, em termos de filosofia evangelística, Missão Global ultrapassou a todos – alcançar todas as pessoas em todos os lugares, não abandonar as áreas já conquistadas, penetrar em áreas novas, sejam elas receptivas ou não, tudo isso representa um avanço sem precedentes. Estamos no caminho certo.

MINISTÉRIO: *Alguns pastores não sabem até onde podem confiar num secretário ministerial. Como essa confiança pode ser resgatada?*

PASTOR BURLANDY: Como outras funções na Igreja, a do secretário ministerial é também uma função delicada. Há quem diga que ele deve ter um pé no escritório do presidente e outro no do pastor. Ele deve

motivar o pastor a “vestir a camisa” da linha de trabalho da Organização, não esquecendo de que o pastor é um ser humano com sentimentos, necessidades, e que necessita de alguém em quem possa confiar. É possível chegar a esse equilíbrio, embora o grau de confiabilidade tenha sido bastante desgastado, de fato. Mas é possível recobrá-lo. Para isso, os administradores devem colaborar, não solicitando do ministerial a realização de alguma tarefa que não envolva aconselhamento, junto ao pastor. O que eu tenho observado é que, em alguns Campos, o ministerial é mais um braço da administração, subtraindo de si mesmo aquela imagem de pastor dos pastores, e sendo comissionado a tomar algumas providências que até precisam ser tomadas, mas não por ele.

Porém, a Associação Ministerial tem sido uma bênção. O apoio ao pastor e à sua família está crescendo aqui no Brasil. Graças a Deus.

MINISTÉRIO: *Como os pastores e os administradores poderiam manter um relacionamento sem arestias?*

PASTOR BURLANDY: Primeiramente, todos nós devemos trabalhar para a glória do Senhor e em nome do Senhor. Em segundo lugar, devemos trabalhar de modo mais transparente. Acrescento ainda que, num clima de franqueza cristã, respeitosa, todos devemos ter a liberdade de falar o que sentimos, dialogar com respeito e consideração pelo outro. Acho que se todos estivermos conscientes de que trabalhamos em nome de Cristo e para Cristo, veremos que fazemos parte de um corpo, cuja cabeça é Cristo. Talvez nesse terreno devamos ressaltar mais o assunto dos dons espirituais. Uns possuem o dom de administração, outros o dom de pastorear, outros ainda o dom do ensino, e Deus precisa contar com todos eles para o cumprimento de Seus propósitos. Se não perdermos isso de vista, trabalharemos felizes, contentes, dando cada um o seu melhor para a glória do Senhor.

MINISTÉRIO: *Uma palavra sobre a família do pastor.*

PASTOR BURLANDY: Quando secretário ministerial, eu me preocupei com o fato de que um obreiro, durante os seus primeiros anos de trabalho, tende a esquecer a família. Inexperiente ainda, traz dentro de si aquela vontade sadia de ser bem-sucedido, mostrar resultados, que o leva a negligenciar a esposa e filhos. Precisamos incutir em nossos companheiros a idéia de que a família é

de importância fundamental. Não obstante as pesadas tarefas no campo do evangelismo, do trabalho pastoral distrital, ou departamental, o obreiro deve reservar tempo para atender à família. Isso contribuirá decisivamente para o êxito de seu ministério.

MINISTÉRIO: *Qual o tema que, no seu modo de entender, deveria ocupar mais o púlpito adventista nestes últimos dias?*

PASTOR BURLANDY: A pregação do evangelho deve ser feita de um ponto de vista global e equilibrado. Mas entendo que o movimento adventista é missionário e escatológico. Se pregaros a justificação pela fé, num contexto escatológico, acredito que teríamos chegado ao ideal. É sempre perigoso tomarmos um rumo unilateral na pregação. Se entendemos que somos um povo com uma missão no tempo do fim, chamados a proclamar verdades únicas para esse tempo, creio que a nossa pregação deveria ser cristocêntrica, enaltecer a justiça de Cristo, todavia, com o colorido escatológico.

MINISTÉRIO: *Cite um momento marcante do seu ministério.*

PASTOR BURLANDY: Foram vários momentos. Aconteceram coisas das quais jamais esqueci. Por exemplo, não esqueço o dia em que na cidade de Santarém, PA, nas águas do Rio Tapajós, batizei cerca de 50 pessoas, resultado de duas séries de conferências que realizei ali, apoiado pelo Pastor José Lessa. A emoção de ver surgir uma nova igreja naquela cidade, fruto do evangelismo público, foi inesquecível. Cito ainda o dia em que batizei meus quatro filhos. Como pastor e pai, foi um momento de muita felicidade e emoção.

MINISTÉRIO: *Qual sua mensagem final aos leitores de MINISTÉRIO?*

PASTOR BURLANDY: Acredito piamente que este é um tempo em que pastores, oficiais e membros das igrejas, devemos dar as mãos buscando um preparo pessoal para o encontro com Jesus Cristo. Se houve um tempo em que deveríamos viver em Jesus um cristianismo autêntico, é justamente este. Juntos, pastores e anciãos devemos permitir que o Espírito Santo termine a Sua obra transformadora em nosso coração, a fim de que nossa liderança frente às igrejas seja efetiva. Estamos vivendo os últimos momentos da história do pecado. É um privilégio liderar a Igreja, mas também um grande desafio. Devemos unir-nos e permitir que o Espírito Santo termine, através do nosso trabalho, a missão que Cristo nos confiou.

As quatro fases da teologia adventista

GEORGE R. KNIGHT

*Professor de História da Igreja na
Universidade Andrews, nos EUA.*

O que é adventismo? Que significa teologicamente ser um adventista? O caminho mais inteligente para a compreensão do desenvolvimento histórico da teologia adventista do sétimo dia, é vê-la como uma busca de identidade movendo-se através de quatro estágios básicos enumerados a seguir.

O que é adventista no adventismo (1844-1886)

A busca de identidade foi violenta e abruptamente imposta a todos os mileritas em 23 de outubro de 1844. Até ali eles sabiam quem eram e tinham poucas dúvidas sobre o lugar que ocupavam no plano cósmico de Deus. Mas o desapontamento de outubro deixou os confusos adventistas numa situação caótica. O milerismo, imediatamente após 1844 e mesmo depois de 1845, poderia ser visto como um agitado e caótico acúmulo de confusão. Levaria anos para a confusão teológica clarear, e vários grupos adventistas eventualmente chegariam a diferentes conclusões a respeito do significado de sua experiência.

Alguns, por certo, concluíram que eles estavam corretos quanto ao evento predito em Daniel 8, mas errados em relação ao tempo. Para esses, a purificação do santuário apontava para a segunda vinda de Cristo e a purificação da terra pelo fogo. Mas a data não era 22 de outubro de 1844. A vinda de Cristo estava ainda no futuro. Esses grupos originaram a denominação Cristãos do Advento e vários grupos relacionados.

Outros mantinham que tanto o evento como o tempo estavam corretos. Cristo havia, de fato, retornado em 22 de outubro, mas Sua vinda era um acontecimento espiritual, não literal. O fanatismo surgiu facilmente entre esses "espiritualizadores", como eles eram chamados.

Um terceiro grupo de desapontados mileritas salientava que eles estiveram certos em relação ao tempo, mas errados quanto ao evento. Isto é, alguma coisa tinha acontecido em 22 de outubro de 1844, mas não fora a segunda vinda de Cristo. Depois de um estudo intensivo das Escrituras, valendo-se da Concordância de Miller, eles concluíram que o santuário de Daniel 8:14 era o templo celestial de Deus, e não a Terra. Assim, Cristo entrara numa nova fase de Seu ministério em 22 de outubro de 1844. Essa interpretação estabeleceu a compreensão inicial que originou o adventismo do sétimo dia.

Após o Grande Desapontamento, cada um daqueles grupos adventistas redefiniu sua identidade. Este período no desenvolvimento do adventismo do sétimo dia, seria melhor compreendido como um tempo no qual os fundadores da denominação buscaram determinar o que era distintivamente adventista no adventismo.

Por volta de 1848 ou 1849, nossos antepassados sabatistas haviam concluído que a distinção de sua mensagem estava centralizada na doutrina do Santuário Celestial, no Sábado e na Lei de Deus, na volta visível e pré-milenial de Cristo, na natureza condicional da imortalidade humana, e no reaviva-

mento do dom de profecia evidenciado no ministério de Ellen White. Tais pontos teológicos estavam inseridos na estrutura escatológica das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

Todos os que se tornaram adventistas do sétimo dia estavam radiantes com suas conclusões a respeito do que era adventista no adventismo. Nos próximos 40 anos, eles pregaram ousadamente sua teologia distintiva ao mundo que os rodeava. Sentindo pouca necessidade de enfatizar itens como fé, graça, ou outras crenças partilhadas pela maioria dos cristãos da época, eles enfatizaram suas crenças distintivas – especialmente a Lei de Deus e o Sábado.

Desafortunadamente, 40 anos de ênfase nas questões adventistas do adventismo, levaram-nos a uma rutura com a cristandade básica. Esse problema seria fortemente realçado entre 1886 e 1888.

O que é cristão no adventismo (1886-1920)

A magnitude da mudança de posição entre os adventistas aconteceu nos anos 1880 e 1890. Subitamente a denominação depարou-se com uma nova ênfase teológica, um novo vocabulário, e uma nova questão quanto à identidade religiosa.

Dois relativamente jovens editores da Califórnia – A. T. Jones e E. J. Waggoner – tinham desafiado a tradicional interpretação adventista dos dez chifres de Daniel 7 e a natureza da Lei no livro de Gálatas. Mas G. I. Butler e Uriah Smith, líderes oficiais da denominação, interpretaram o desafio como um ataque à integridade do adventismo histórico. Como resultado, tornaram-se agressivos com Jones e Waggoner, e fizeram tudo o que puderam para impedir a jovem dupla de ser ouvida na denominação.

O confronto entre os dois lados alcançou o clímax na Assembléia da Associação Geral, em Minneapolis, no outono de 1888. Aquela reunião testemunhou uma tão grande mesquinhez de espírito da parte dos que defendiam o adventismo histórico, que levou Ellen White a declarar que eles estavam procurando ganhar a contenda utilizando o espírito dos fariseus. Ela deplorou suas táticas. Para ela, a Assembléia de 1888 foi a “mais incompreensível demonstração de luta pela supremacia jamais vista entre nosso povo”. Classificou-a como “um dos mais sombrios

capítulos na história dos crentes na verdade presente”.

Tanto o espírito como a teologia dos ministros líderes da denominação, ela concluiu, careceram de um elemento crucial – Cristo e cristianismo. Como resultado, ela lembrou: “Minha responsabilidade durante a reunião foi apresentar a Jesus e Seu amor para meus irmãos, pois vi marcadas evidências de que muitos não possuíam o espírito de Cristo.” E, em 24 de outubro, ela falou aos delegados: “Nós queremos a verdade tal como é em Jesus... Vi que preciosas almas que deveriam ter abraçado a verdade têm-se afastado dela porque, da maneira como tem sido conduzida, Jesus não está nela. É isso o que eu tenho argumentado por todo o tempo – nós queremos Jesus... Meu objetivo é que a luz seja levantada exaltando o Salvador.”

Lado a lado com Jones e Waggoner, Ellen White enalteceu os temas cristãos básicos, desde Minneapolis e nos anos subsequentes. Especialmente Cristo e a justificação pela fé nEle.

Essa nova ênfase foi refletida nos escritos de Ellen White, através de uma nova direção em seus esforços literários. A primeira contribuição veio em 1892, com o livro *Caminho a Cristo* – um volume que ela recusou que fosse impresso pelas casas publicadoras denominacionais. Queria estar segura de que sua mensagem evangélica fosse apresentada ao povo de forma inalterada. *Caminho a Cristo* foi publicado por Fleming H. Revell, cunhado de Moody. Na verdade, ela também esperava alcançar um público mais extenso com a publicação de Revell.

Em seguida, surgiram *O Maior Discurso de Cristo*, em 1896, (também publicado por Revell); *O Desejado de Todas as Nações*, em 1898; *Parábolas de Jesus*, em 1900; e os capítulos iniciais de *A Ciência do Bom Viver*, em 1905.

A nova ênfase também foi refletida no vocabulário de Waggoner, Jones e W. W. Prescott, enquanto pregavam sobre Cristo e Sua salvação aos membros e líderes denominacionais. Enquanto esses jovens pregadores enfatizavam palavras como “Cristo”, “fé”, “justificação pela fé”, e termos relacionados à justiça de Cristo, os antigos teólogos insistiam em termos como “obras”, “obediência”, “lei”, “mandamentos”, “nossa justiça” e “justificação pelas obras”.

As reuniões de 1888 prepararam o cenário para uma grande mudança teológica no

adventismo. Entre 1888 e 1900 a denominação chegaria a uma melhor compreensão de assuntos como a salvação em Cristo, Trindade, personalidade do Espírito Santo, bem como a uma completa compreensão da divindade de Cristo, que começaria a deslocar o semi-arianismo do adventismo. Em adição, alguns dos seus teólogos começaram especular sobre a natureza humana de Cristo, apresentando-a como sendo semelhante à natureza caída de Adão. Tal fato estabeleceu o cenário para o conflito dos anos 1990, fazendo a Igreja atentar para a Bíblia como o fator determinante da teologia adventista, tal como faz Ellen White.

A novidade teológica levantada em Minneapolis causara um terremoto no adventismo. Em sua essência, esse terremoto foi causado por uma nova discussão. O clichê estrutural da antiga questão "O que é adventista no adventismo?" moveu-se diretamente ao clichê estrutural da outra pergunta "O que é cristão no adventismo?"

Infelizmente, muitos dos que tinham vivido pregando a resposta à primeira pergunta viram a segunda como uma ameaça àquela, em lugar de um enriquecimento. Assim, os anos 1890 presenciaram guerra no campo teológico adventista, quando o que estava sendo advogado era um enriquecimento. Depois de tudo, o adventismo do sétimo dia, é cristão e adventista em sua identidade. Essa compreensão, no entanto, não era óbvia para os gladiadores da denominação nos anos 1890, e tampouco para muito dos seus herdeiros em 1994.

Talvez a maior tragédia de 1888 e do período pós-Minneapolis é que os teólogos denominacionais têm polarizado bastante, quando deveriam checar e balancear saudavelmente cada ponto de vista contrário ao seu.

Os irmãos adventistas, adeptos dos diferentes lados da batalha teológica, têm falhado em aprender uma das maiores lições da Assembléia de 1888 – a de que eles necessitam-se mutuamente se é que desejam manter um equilíbrio teológico. A situação particu-

lar vivida pelos teólogos adventistas em 1892 levou Ellen White a escrever que Satanás "experimenta um diabólico júbilo quando pode dividir os irmãos". Ela e outros líderes, nos anos 1890, repetidamente apontaram que muitos dos sérios problemas no adventismo teriam sido evitados se os dois lados tivessem assumido a posição de aprendizes um do outro. Se assim fosse, teriam contribuído juntos para o avanço teológico adventista.

Lamentavelmente, o tipo de adventismo que floresceu entre 1888 e 1900 não produziu completa unidade para sua teologia. Em outras palavras, o casamento entre o que era adventista no adventismo e o que era cristão

no adventismo, jamais foi consumado com sucesso. Polarização teológica foi uma característica mais marcante da teologia adventista no início dos anos 1890, que a unidade e respeito mútuos. A crise de identidade continuou, embora aparentasse ser mascarada por pragmáticos excitamen-

Os teólogos adventistas ainda precisam aprender uma das maiores lições da Assembléia de 1888 – a de que eles necessitam-se mutuamente, se é que desejam manter um equilíbrio teológico.

to e harmonia, causados por um singular desdobramento das missões adventistas.

Mas tal harmonia exterior seria desbaratada logo após a virada do século, quando a denominação enfrentou múltiplas crises teológicas na forma de movimentos como Carne Santa, Panteísmo, e os ensinamentos sobre a Doutrina do Santuário de A. F. Balenger.

A polarização entre os teólogos adventistas, durante os anos 1890, deixou a denominação fora de centro e despreparada para enfrentar os desafios do novo século. Assim, os primeiros dos anos 1900 testemunharam o adventismo na turbulência de uma grande crise de identidade e cisma. Muitos assuntos nessa crise seriam resolvidos através de uma resolução, em 1920, apenas para dar lugar a novos desafios que contribuiriam com sua complicada herança para a teologia adventista em 1994. De dentro dos desafios de 1920, surgiria uma nova crise na identidade adventista e uma nova questão a respeito da natureza essencial do adventismo.

O que é fundamentalista no adventismo (1920-1956)

Anova questão na identidade adventista nos anos 1920 seria “O que é fundamentalista no adventismo?”. Esse período forma um divisor de águas na história religiosa americana. Por mais de meio século, forças dentro do protestantismo estavam construindo na direção de uma grande fratura entre o que era conhecido como liberalismo e fundamentalismo. A batalha chegaria ao clímax no início dos anos 1920, envolvendo pelo menos oito assuntos, com os fundamentalistas defendendo a inspiração verbal e inerrância da Bíblia, a historicidade do nascimento virginal de Cristo, a necessidade do Seu sacrifício expiatório, a historicidade de Sua ressurreição, Sua vinda antes do Milênio, a autenticidade de Seus milagres, a unicidade da revelação cristã no plano da salvação, a criação divina em oposição à evolução teística.

Os liberais, naturalmente, mantinham posições opostas a esses pontos. Na realidade, os fundamentalistas reagiam vigorosamente à formulação liberal daquelas doutrinas.

Os adventistas tradicionalmente defendiam sete dos oito pontos teológicos aceitos pelos fundamentalistas. Mas não haviam ainda, oficialmente, esposado a inspiração verbal ou a inerrância da Bíblia, embora líderes como S. N. Haskell, A. T. Jones, W. W. Prescott, e muitos outros certamente o fizessem. A Associação Geral, durante a Assembléia de 1883, aprovou um documento no qual aceitava a inspiração do pensamento em lugar da inspiração verbal. Todavia, apesar da posição moderada oficial do adventismo sobre inspiração, jamais formalizando uma discussão sobre inerrância, um grande debate tomou lugar como se a Igreja tivesse uma visão verbalista ou de inerrância. Esse ponto de vista seria estendido e tornado ainda mais explícito e mais consistentemente expresso, durante os anos 1920.

Nessa década, o adventismo foi literalmente forçado aos braços do fundamentalismo, diante de uma polarização sem precedentes que teve lugar no protestantismo. A essa altura é crucial reconhecer que não havia superfície teológica neutra nos anos 20. Ou se era liberal, ou fundamentalista, e o adventismo certamente tinha muito mais em comum com os fundamentalistas que com os liberais. Na agitação dos tempos, o adventis-

mo foi empurrado para o fundamentalismo, apesar de sua tradicionalmente mais moderada visão sobre inspiração – uma moderação definitivamente apoiada por Ellen White, a esta altura, recentemente falecida.

A magnitude das mudanças do adventismo relacionadas à inspiração, durante os anos 20, é evidenciada pelo fato de que líderes que falavam abertamente em favor de uma visão moderada, na conferência pública de 1919, trocaram de posição nos anos seguintes. De fato, o assunto da inspiração tornou-se a grande alavanca que na Assembléia da Associação Geral de 1922 removeu o poderoso A. G. Daniells, que tinha sido presidente da denominação desde 1901.

Por outro lado, B. J. House, que argumentou contra a visão moderada sobre inspiração, na reunião de 1919, seria escolhido para escrever um livro de doutrinas bíblicas, para colégios da denominação, que apareceu em 1926. House não apenas manteve o conceito de “inspiração verbal”, mas afirmou que “a seleção de muitas palavras das Escrituras na linguagem original foi dirigida pelo Espírito Santo”, como foi a seleção da data histórica. Uma perspectiva semelhante foi estabelecida por outras publicações denominacionais, nos anos 20.

A visão mais rígida de inspiração da Bíblia e dos escritos de Ellen White configuraria o adventismo por décadas e não enfrentaria desafios significativos até os anos 70 e 80. Agora, nos anos 90, ela se torna um grande fator de diálogo teológico adventista do sétimo dia.

Enquanto isso, uma outra contribuição para o diálogo dos anos 90 seria desenvolvida por M. L. Andreasen, nos anos 30, como o desabrochar da “teologia da geração final” – uma teologia que enfatizava o segundo advento de Cristo como dependendo de um comportamento perfeito por parte da Igreja Adventista. A teologia da geração final foi semeada nos anos 1890, mas mudaria o cenário central entre os anos 50 e 90. Isso tudo nos conduz à metade dos anos 50 e à recente mudança na teologia adventista.

Tensão teológica no adventismo (1956-1994)

Uma nova crise e um alinhamento teológico surgiram em 1956, com a publicação de um artigo assinado por Donald Grey Barnhouse, na revista *Eternity*, intitulado

“São cristãos os adventistas do sétimo dia?” Nesse artigo, com a aparente aprovação de L. E. Froom e R. A. Anderson (destacados líderes adventistas), Barnhouse publicamente relegou M. L. Andreasen (principal teólogo do adventismo nos anos 30 e 40), juntamente com sua teologia à “marginalidade da loucura” do adventismo, inferindo-o como um irresponsável que “incomoda todas as áreas do cristianismo fundamental”. Enquanto isso, a denominação, sob a influência de Froom, Anderson e W. E. Read, publicava *Questions on Doctrine*, um livro que insuflou a chama da controvérsia em desenvolvimento.

Andreasen respondeu com a publicação de *Letters to the Churches*, na qual acusava a denominação de rejeitar os escritos de Ellen White e o adventismo histórico. O castigo de Andreasen foi a cassação de suas credenciais ministeriais e a remoção de seus livros das livrarias denominacionais.

Em 1960, a Casa Publicadora Zondervan lançou o livro *The Truth About Seventh-Day Adventism*, de Walter Martin. Nesse livro prefaciado por Barnhouse, o autor indicava que uma grande fenda foi aberta no adventismo, relacionada com *Questions on Doctrine* e a identificação evangélica. Ele escreveu que “somente ... aqueles adventistas do sétimo dia que seguem o Senhor segundo a posição doutrinária da Igreja, interpretada a nós por seus líderes, são considerados verdadeiros membros do corpo de Cristo”.

Nesse ponto, o cenário está montado, pelos próprios adventistas, para a abertura de uma fenda teológica entre eles.

Eu diria que a partir da metade dos anos 50 o adventismo pode ser melhor definido como estando em tensão teológica. Todas as questões antigas ainda são levantadas em 1994, mas agora elas estão sendo feitas ao mesmo tempo por diferentes facções e indivíduos. Alguns, por exemplo, estão inquirindo: “O que é distintivamente adventista no adventismo?” Eles são propensos a focalizar sobre o perfeccionismo teológico de Andreasen, ao lado da compreensão oferecida por Robert Wieland e Donald Short,

os quais no início dos anos 50 abalaram os líderes denominacionais sugerindo que seus precursores tinham extraviado o adventismo, ao rejeitarem a mensagem de Jones e Waggoner, em 1888 e nos anos subsequentes.

Em 1994, a facção “adventista radical” do adventismo enfatiza que Cristo veio com a natureza decaída de Adão, a necessidade de se alcançar o mesmo tipo de comportamento perfeito, sem pecado, a teologia da geração final, e o que eles chamam intensamente de “adventismo histórico”. Em seus métodos de investigação teológica, ela demonstra forte confiança nos escritos de Ellen White e frequentemente vê Jones e Waggoner como tendo a palavra final sobre justifi-

cação pela fé. Os componentes dessa facção demonstram, todavia, serem fracos no uso da Bíblia.

O adventismo atual também possui uma grande facção teológica perguntando: “O que é cristão no adventismo?” Esse grupo enaltece a Cristo e Sua cruz no processo

de salvação, estabelecendo a base da segurança como sendo “em Cristo”. O cristão salvo está justificado e, ao mesmo tempo, em processo de santificação. O grupo coloca a Bíblia como centro de sua metodologia teológica. Enquanto defende firmemente as doutrinas adventistas distintivas, coloca-as no contexto do cristianismo básico.

Também vivendo, e bem, no mundo teológico adventista de 1994, estão os que se perguntam: “O que é fundamentalista no adventismo?” Estes mantêm uma visão em comum com cada um dos grupos anteriores, mas seu tema principal é a preocupação fundamentalista dos anos 20.

Essas divisões têm sido agravadas pelos múltiplos abalos à identidade adventista resultantes das crises de Numbers, Rea, Ford e Davempport, no fim dos anos 70 e início dos anos 80, além do fato que o movimento adventista chegou ao seu auge em 1890, e pelos mesmos efeitos polarizadores lamentáveis que tanto enfraqueceram a denominação nos anos 1890. Uma causa do problema da polarização é que, no desejo de escapar de um tipo de erro perceptível, as pessoas

Todos podemos aprender
daqueles que defendem
posições teológicas
contrárias às nossas. Basta
que, acima da disposição
para aprender, interiorizemos
o espírito de Cristo.

correm o perigo de ficar no extremo oposto.

No adventismo atual, as atividades teológicas estão configuradas em duas frentes, com todas as velhas questões providenciando as linhas divisórias. Assim, no confronto entre os que enfatizam “o que é adventista no adventismo” e os que enfatizam “o que é cristão no adventismo”, há o perigo sempre presente de que as forças opostas se tornem unilaterais em suas interpretações.

O assunto crítico para os “adventistas radicais” é que eles perderão contato com o cristianismo básico ao focalizarem sobre fontes extrabíblicas, como autoridade teológica, e forcem um verdadeiro conceito bíblico de perfeição em um tipo de perfeccionismo articulado. Num outro extremo há o perigo sempre presente de que, buscando evitar os erros desse grupo, alguns sejam tentados a negar seu adventismo através de uma ênfase igualmente unilateral, tornando-se assim “cristãos radicais”. Eu lembro que há uma adequada base intermediária defensível para aqueles que deveriam ser designados como “cristãos adventistas”, se e somente se eles se mantiverem nos limites da Bíblia e evitem a construção dinâmica distorcida de muitos processos de fazer teologia, quando isso se torna primariamente um exercício contra algum oponente. O fator de distorção aparece quando indivíduos, consciente ou inconscientemente, colocam uma ênfase primária em guardar distância entre si mesmos e o que eles consideram errado, e quando eles concluem que nada têm para aprender com os que pensam diferente.

Os efeitos polarizadores entre os adventistas radicais e os cristãos adventistas foram vistos nos anos 1890, mas em 1994 o adventismo também é desafiado por uma segunda polarização dinâmica. Enquanto alguns indivíduos temem o liberalismo e revelam o fundamentalismo dos anos 1920, outros líderes do pensamento adventista (em seu desejo de escapar do que consideram ser erros teológicos ou extremos do fundamentalismo) estão em perigo de retomar a defesa do cristianismo liberal daquela época. Na base dessa polarização estão assuntos hermenêuticos/epistemológicos de primeira linha – especialmente os de primazia entre revelação e razão. Mas deveria ser reconhecido pelas duas partes, que uma visão modernista (como foi esposada pelos liberais de 1920), que adotou a ênfase do esclarecimento sobre a supremacia da razão

humana acima das Escrituras, não é mais saudável que os erros fundamentalistas que confundiram rigidez com a firmeza de Cristo e dos apóstolos.

Lições valiosas

Em suma, gostaria de afirmar que os teólogos adventistas do sétimo dia, em sua busca de identidade, enfrentam em 1994 a mesma dinâmica básica que eles enfrentaram nos anos 1890 – a dinâmica da polarização. De fato, em 1994, a dinâmica é mais complexa desde que o conflito está sendo travado por mais guerreiros, e, mais importante, sobre duas frentes distintas mas ao mesmo tempo sobrepostas. O perigo é o mesmo.

Qualquer grupo religioso estará em problemas, se e quando sua teologia estiver sendo formulada primariamente em oposição à uma real ou suposta posição polarizada. Isso muito dinamicamente estabelece o cenário para mais rápido avanço em direção a posterior polarização e distorções teológicas adicionais. Deveríamos estar bem conscientes daquelas dinâmicas usadas para fazer uma teologia bíblica no melhor espírito do adventismo cristão.

Nós aprendemos não somente dos perigos enfrentados pelos teólogos adventistas nos anos 1890, mas também das possíveis soluções que seus dedos apontam. A principal lição para nós é aquela que nossos pioneiros falharam em aceitar – que os defensores de posições radicais adventistas necessitam dos outros. É difícil e provavelmente impossível para qualquer indivíduo ou grupo estar totalmente errado ou totalmente correto. Todos nós temos capturado importantes aspectos da verdade, bem como porções de erro. E todos podemos aprender daqueles que defendem posições teológicas contrárias às nossas. No entanto, mais que disposição para aprender, é importante que interiorizemos o espírito de Cristo – um espírito que não apenas pensa o melhor dos outros, mas que mantém uma abertura às verdades de todas as fontes.

Uma chave para a saúde teológica é manter nossos olhos atentos ao sentido das Escrituras e à essência do cristianismo e do adventismo. Uma segunda chave é aprender do outro, saindo de posições teológicas radicalmente defensivas e continuar guiando a Igreja em seu crescimento e busca de identidade.

Pedro, o pregador

JOHN M. FOWLER

Editor associado da revista *Ministry*

Qualquer pessoa que tivesse me conhecido quando criança jamais arriscaria predizer que eu me tornaria um pregador. Eu não possuía maneiras nem tendências para esse tipo de trabalho. Cresci perto de uma vila de pescadores. Minha vida era tão volúvel como as ondas da Galiléia. Eu apanhava peixes. Cheirava a peixe. Era estranho e desleixado. Frequentemente falava primeiro e pensava depois. Ninguém jamais pensou que eu seria um pregador. Eu era o menor de todos.

Mas, um dia, Jesus de Nazaré me encontrou. Havia alguma coisa especial nEle, algo estranho em Seu olhar. Esse não era um olhar ordinário; era tão penetrante, quase cirúrgico, cortando fundo o coração de alguém. Foi isso que deve ter acontecido também comigo. Quando Ele disse: "Simão, segue-Me", deixei minha rede e O segui. Depois falei à minha esposa que eu me tornara um pescador de homens. Ela olhou-me asperamente, como se quisesse dizer que ela e as crianças comiam peixe e não pessoas.

Mesmo depois de tornar-me Seu seguidor, ainda não estava bem seguro de como minha vida mudaria. Experimentei uma intimidade particular com Jesus. Ouvi Seus ensinamentos, captei cada palavra que Ele pronunciou, testemunhei maravilhado Sua compaixão para com o pobre, Seu cuidado para com o sofrido, ternura diante da humanidade alquebrada, ira em relação à hipocrisia, e uma busca implacável pelo pecador. Seus milagres, Suas parábolas, Sua vida, Seu amor, impressionaram-me sobremaneira. Mas o que fez com que eu e meus amigos O seguíssemos? Seria uma busca desinteressada pelo reino que Ele tinha em mente? Ou uma procura egoísta de glória no reino que nós tínhamos em mente?

Eu não estava bastante seguro. A vida frequentemente empreende um perigoso e entretido jogo. E eu não era um estranho a esse jogo. Entre satisfação própria e entrega; entre aparecer no cenário e agir como servo, eu vacilava a cada momento. Um dia con-

fessei que Jesus era o Cristo de Deus. Noutro, quando Ele mais necessitava de mim, neguei conhecê-Lo. Andei sobre as águas, mas a fé deu lugar à dúvida, e o milagre quase se tornou um desastre, se não fosse a Sua graça salvadora. Ele partilhou comigo o Getsêmani, aquele momento quando a sorte do Universo pendia na balança, mas eu escolhi dormir. Cortei a orelha do filho do sumo sacerdote, mas não fui capaz de enfrentar as perguntas daquela criada, a respeito de Jesus. Eu vi a cruz. Eu corri para a tumba vazia. Eu era parte dEle.

Ajuda indispensável

Poderia eu ser mesmo um pregador do reino? Alguns dias após a ressurreição Ele encontrou-Se comigo e com meus amigos e falou conosco. Justamente antes de ascender ao Pai, mandou-nos esperar até que estivéssemos preparados para ir e fazer discípulos "de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mat. 28:19 e 20).

E nós esperamos. E subitamente, no dia de Pentecoste, quando estávamos todos juntos, no mesmo lugar, aconteceu. O Espírito de Deus, "como o som de um vento impetuoso" encheu a casa e a todos nós (Atos 2:1 e 2). Com a vinda do Espírito tudo o mais parecia vir junto. Todos os anos passados com Jesus, todos os questionamentos, a cruz, a tumba vazia, tomaram significado. Lembro-me dEle dizendo certa vez que "quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade" (João 16:13).

Essa foi a primeira lição que aprendi antes de me tornar um pregador. Sem a capacitação do Espírito Santo, não existe verdadeira pregação. Foi o poder do Espírito Santo que impulsionou-me ao púlpito naquele dia e ajudou-me a pregar meu primeiro sermão. Um pregador nasce não da escolarida-



preparação para aquele momento, mesmo quando eu não estava consciente disso. O Espírito Santo habilitou-me para colocar a mensagem no contexto e perspectiva próprios. Primeiro, a perspectiva da Palavra de Deus. Aproximadamente 50% do meu sermão, segundo o relato, compõe-se de citações bíblicas. Um sermão que não brote da Palavra escrita não pode mostrar a Palavra viva diante da congregação. Sem a Palavra inspirada, como falaremos sobre a Palavra Encarnada? Um sermão deve começar com essa compreensão e ser firmemente enraizado na revelação de Deus. É essa perspectiva bíblica, iluminada pelo Espírito Santo, que leva-nos à conexão do que aconteceu naquele dia e a profecia de Joel. “Mas o

de ou eloquência própria, perícia ou exuberância, mas do Espírito. Um sermão é um milagre operado pelo Espírito através dos lábios de pó.

O Dr. Lucas deixou um cuidadoso relatório sobre meu primeiro sermão. Ele disse: “Então se levantou Pedro, com os onze”, quando iniciei meu sermão. Isso é verdade. A pregação do evangelho não é um *show* pessoal. Não é entretenimento, não é glorificação própria. É uma ocasião quando um representante do corpo de Cristo partilha as boas novas do reino. E isso é feito em defesa desse reino, junto ao povo do reino. A pregação falha quando o corpo de Jesus está dividido. Um pregador e seus ouvintes partilham a plataforma comum da graça de Deus e Sua missão.

Contexto e perspectiva

Meu sermão naquele dia não foi um incidente ordinário. Nenhum sermão o é. Minha vida inteira pareceu ter sido uma

que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”, eu falei. A pregação deve ser capaz de conectar o presente com o passado e apontar o futuro. A vida do povo hoje deve ser vivida à luz das obras realizadas por Deus no passado e Suas promessas em relação ao futuro. Uma vez que tal conexão seja estabelecida, o ministério toma uma nova dimensão: nós nos tornamos simplesmente instrumentos usados por Deus para mudar vidas.

Segundo, o Espírito habilita-nos a pregar dentro de um contexto de urgência escatológica. Eu estava determinado a mostrar que estávamos vivendo nos últimos dias, e não havia tempo para futilidades. A pregação deve sempre conduzir a esse sentido de urgência. Não que devamos projetar uma visão utópica ou um cenário assustador, mas necessitamos apresentar com antecipação profética que nossa esperança no reino é real, e que nosso Senhor retornará em breve para levar-nos ao Lar. Pregação autêntica é pregação profética – equilibrada, sem medo,

vigorosa, levantando a Cristo e levando à confissão de pecados e transformação de vidas. Joel (2:28-32) veio em meu socorro, e eu traduzi sua ênfase sobre o tempo do fim ao anunciar que “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”.

Pode você captar um outro importante ponto homilético aqui? Mesmo que um sermão afirme a dimensão escatológica da vida cristã, ele não deve evitar as compulsões da vida no presente. Deve falar do viver redentivo aqui e agora: devemos “invocar o nome do Senhor” para sermos salvos.

Qual foi o tema do meu sermão naquele dia? Numa palavra, Jesus.

O Jesus humano

Cristo deve ser o foco decisivo de cada sermão. Você pode falar sobre doutrina, estilo de vida, ética, parábolas, milagres, ou sobre uma passagem bíblica em particular. Como estilo de sermão, você pode escolher se fará uma narrativa, exposição, exegese, ou contará uma história. Você pode refletir sobre a expressão pessoal do salmista, a compreensão profética de Jeremias, ou os trovões apocalípticos de João; mas o foco decisivo deve ser sempre Jesus – erguendo-O, louvando-O, conduzindo seus ouvintes a Ele. De outra forma, o que você diz não pode ser realmente um sermão.

No dia de Pentecoste, eu não queria que os ouvintes tivessem uma compreensão errada do meu tema. Não queria que pensassem que estávamos todos tagarelando bêbados. Procurei atrair sua atenção para “esse Jesus” (Atos 2:23, 32 e 36). Em três vezes eu usei essa frase, para fazê-los entender que eles não estavam ao lado de Jesus. Até poderiam estar pensando que tinham se livrado dEle no Calvário, mas estavam enganados. Jesus é um eterno “perseguidor”. Ele vive. Busca as pessoas todos os dias. Deseja que tomem uma decisão.

Para esclarecer melhor, eu identifiquei-O como Jesus de Nazaré. A pregação cristã deve confrontar o Jesus histórico com a congregação, para que esta O veja como uma pessoa real. O Jesus a quem adoramos e sobre quem pregamos não é uma figura mitológica. Não é um herói fictício, criado por algum gênio literário ou algum fanático religioso. Ele é uma pessoa histórica. Viveu em Nazaré, ensinou na Galiléia, padeceu sob Pôncio Pilatos, e foi crucificado em Jerusa-

lém. Caminhou conosco, falou conosco, e foi tentado como nós o somos. Jesus é real. Sua divindade é real. Sua humanidade é real. Sem falar a respeito dessa realidade não há cristianismo, tampouco pregação cristã. Jesus é Aquele por meio de quem Deus invadiu a humanidade, para tratar de uma vez por todas com o problema do pecado. “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

Quando falamos desse Jesus, Sua humanidade, Sua divindade, falamos sobre um grande mistério; pisamos em terra santa. Mesmo que nós O tenhamos visto em carne e sangue, e sido testemunhas oculares de tudo o que Ele foi e fez, não compreenderíamos completamente tudo a Seu respeito. Ele permanece como o mistério eterno. Ele é Deus.

O Jesus divino

Este é o segundo ponto que eu gostaria que meus ouvintes compreendessem. Jesus foi um homem de Nazaré. Todos nós sabíamos disso. Mas Ele não era um homem qualquer. Do que Ele era e do que Ele fez foi dito ser “pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (Atos 2:23). A missão de Jesus não foi resultado de uma auto-descoberta ou auto-realização. Grandes líderes religiosos têm aparecido na História, descoberto por eles mesmos o seu papel, e tentado levar seus seguidores a uma espécie de Everest moral ou social. Jesus não é apenas um grande líder, tampouco apenas um grande professor. Jesus é Deus, invadindo a História no tempo e no espaço para executar um plano existente “desde a fundação do mundo” (Apoc. 13:8). Você vê, as pessoas em Jerusalém, incluindo os sacerdotes e rabis, os fariseus e os saduceus, pensavam que estavam tratando com um homem – um inconveniente professor, um operador de milagres, uma pessoa correta, ou um profeta crítico, cuja vida era uma acusação moral para eles. Assim eles escolheram a cruz e estariam satisfeitos com uma solução caseira para o problema. Poderiam até estar certos, se Jesus fosse um homem comum. Mas Ele é Deus. “Esse Jesus a quem vós crucificastes, Deus O ressuscitou”, bradei fortemente sobre Jerusalém. A sepultura não O pôde reter. Ele res-

surgiu como um poderoso conquistador sobre o pecado, a morte, e Satanás.

Um sermão deve mostrar uma prova sólida, e eu tinha duas provas para minhas afirmações. Primeiramente, retornei à Bíblia. Não existe nenhuma base sólida para a pregação, se ela se afasta e não retorna à Palavra. Para os judeus, a cruz era um símbolo de vergonha. Eles argumentavam que um homem "pendurado no madeiro é maldito de Deus" (Deut. 21:23), e portanto um Jesus crucificado não poderia ser o Messias. Mas eu levei meus ouvintes ao conhecimento de que eles compreenderam mal e limitaram seu Deus. Seus conceitos pessoais tornaram-nos cegos quanto aos propósitos de Deus. Se

eles tivessem colocado os preconceitos de lado, e adotado a Bíblia como única fonte da verdade, saberiam que a cruz não foi um acidente; foi um plano definido pelo "desígnio" de Deus. A cruz de Jesus foi plano de Deus; a irrevogável e inalterável resposta para o problema do pecado. A palavra profética predizia não apenas a cruz mas a ressurreição. Atrás, então, sua atenção para os pro-

fetas que previram um Messias que não apenas ia morrer, mas cujo corpo não sofreria corrupção. Referia-me a Davi, que também profetizou a ressurreição de Cristo (Atos 2:25-31; Salmo 16:8-11).

Enquanto o povo ainda se abeberava nessa interpretação do salmista, dei-lhes uma segunda prova de que Jesus é divino: eu era uma testemunha ocular. Eu tinha a vantagem de conhecer a Jesus pessoalmente. Eu podia falar de minha sogra, da alimentação das cinco mil pessoas, do homem no tanque de Betesda, dos dez leprosos, de Lázaro, do beijo de Judas, de minha própria traição e, acima de tudo, da cruz. Eu também poderia falar sobre a ressurreição. Fui o primeiro discípulo a testemunhá-la, embora a fé de Maria Madalena me levasse a isso. Aqui está a beleza de se ter visto a Jesus: o testemunho do fato. Quando você é uma testemunha ocular, pode falar com autoridade, e

o Espírito Santo pode convencer os ouvintes. Se você não viu a Jesus, se você não O tocou, se não falou com Ele todos os dias, não tente pregar um sermão! Durante minha pregação nenhuma vez eu disse "é possível que...", "é razoável supor...", ou "eu tenho a impressão de que...". Proclamação não é uma teoria de probabilidade; é o partilhar de uma certeza; é uma testemunha ocular contando o que o Senhor fez e pode fazer!

O Jesus vivo

Eu tinha um outro assunto para transmitir em meu sermão. O ressurreto Jesus ascendeu aos Céus de onde virá. Novamente

Uma testemunha ocular pode falar com autoridade, e o Espírito Santo pode convencer os ouvintes. Se você não viu a Jesus, se você não O tocou, se não falou com Ele todos os dias, não tente pregar um sermão. Sermão é o partilhar de uma certeza; é uma testemunha contando o que viu, ouviu e sentiu.

voltei à Bíblia e disse que isso é o que Davi já profetizara: "Porque Davi não subiu aos Céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que Eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés." (Atos 2:34 e 35; Salmo 10:1). Mostrei pelas Escrituras como essa profecia aplicava-se a Jesus. As pessoas em Jerusalém pensavam que

ficaram livres de Jesus, sepultando Sua pessoa, Seu nome, e Seus ensinamentos para sempre numa tumba lacrada com o selo romano. Pilatos lavou as mãos. Os sacerdotes voltaram para casa, satisfeitos por haverem afastado Aquele que tanto os perturbava. Judas, o traidor, nem esperou para ver o que aconteceria. Mas "esse Jesus" não era um homem ordinário. Nenhuma sepultura poderia silenciá-Lo. Nenhum sistema político poderia acabar com Ele. Nenhuma hierarquia religiosa poderia bloquear o poder de Sua presença.

Ele ressuscitou, subiu ao trono do Pai, e sentou-Se à Sua direita, com os inimigos postos como estrado de Seus pés. A profecia é sempre cheia de quadros simbólicos, e os pregadores precisam ter cuidado como interpretam tais símbolos. Mas eu não tenho dificuldades com eles. Ninguém precisa ter. O inimigo de Jesus é Satanás. Na cruz ele

foi esmagado, anulado e condenado. No grande conflito cósmico entre o bem e o mal, Jesus é o Supremo vencedor, e, com justiça, ocupa a posição de poder e autoridade à direita do Pai.

Um misto de admiração e perplexidade, eu imagino, foi o pensamento que cruzou a mente da minha audiência. Então era tempo de falar-lhe o que Jesus significa: "Esteja absolutamente certa, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo." (Atos 2:26).

Esse foi o ponto crítico do meu sermão. Milhares de pessoas me ouvindo desde a manhã, vieram de diversas partes do Impé-

rio Romano. Elas estavam preocupadas com dois fatores durante toda a vida: a realidade presente e uma esperança futura. A realidade presente era que viviam sob o poderio de Cé-

sar. Ele era seu senhor na vida diária - um vingativo e opressivo senhor. A esperança futura era a vinda do Messias, o Cristo. Eu sabia disto, e procurei tocar seus mais íntimos sentimentos e emoções. Falei-lhes que "este Jesus a quem eles crucificaram, Deus O fizera Senhor e Cristo. Ele é seu Senhor: amoroso, cuidadoso, gracioso Senhor. Ele é seu Messias. Ele é sua realidade presente. Ele é sua esperança futura. Este Jesus."

Quando você apresenta Jesus em termos assim penetrantes, a resposta é inevitável. As pessoas sentem pungido o coração (Atos 2:37). Um sermão fundamentado na Palavra inspirada, cheio do Espírito, e testificando da cruz e da Ressurreição, não pode deixar de suscitar a pergunta: "Que faremos?" Nenhum sermão deveria terminar sem que alguém fizesse essa interrogação. Pregação não é entretenimento. Não é informação regateada. Não é encenação de um serviço. É falar a respeito de Jesus, conduzindo o povo à Sua cruz, mostrando Suas feridas, descrevendo Seu triunfo, oferecendo Sua esperança e convidando à aceitação dEle como Salvador. Um sermão que não dá a seus ouvintes a oportunidade de responder a Jesus reflete a timidez do pregador ou sua falta de confiança no Espírito Santo que controla vidas e eventos.

A questão de uma resposta não se prende a algo como complacência legalística com

esta ou aquela doutrina, adesão institucional, ou adoção de um estilo de vida. Isso tudo é importante, mas eu queria que minha congregação compreendesse claramente a questão central da qual seu destino eterno dependia: "O que faremos com esse Jesus?"

O Jesus eterno

Lembro-me claramente da ansiedade com que meus ouvintes fizeram essa pergunta. Havia somente uns poucos dias, e alguns dentre aquela gente clamavam pelo Seu sangue. Eles gritavam: "Crucifica-O, crucifica-O." Agora, desejavam saber o que fazer com

esse Jesus ressurreto. Um pregador jamais deve perder a esperança nas pessoas. Hoje, alguém em sua congregação pode rejeitar sua palavra; mas amanhã pode abrir o coração

Pregação não é encenação de um serviço. Não é entretenimento. Não é informação regateada. É falar a respeito de Jesus.

ao Senhor. No sangue de Jesus, há poder para convencer e converter, para transformar. Tudo o que devemos fazer é seguir as palavras de Cristo: "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo." (João 12:32).

Isto é tudo. Nós levantamos a Jesus e Ele faz o resto. No dia de Pentecoste, o Espírito Santo deu-me as palavras certas para o apelo final: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar." (Atos 2:38 e 39).

Um sermão efetivo deve levar ao arrependimento e à mudança de vida. Deve conduzir o pecador ao batismo em nome de Jesus. Afirma o santo na recepção do Espírito Santo. Proclama a universalidade do evangelho, tanto para judeus como para gentios, para todos os que estão aqui e os que estão longe, para todos quantos o Senhor chamar.

Não admira que o resultado daquele sermão tenha sido tão fantástico. Um batismo de três mil pessoas, só no primeiro dia de uma campanha evangelística em Jerusalém! Onde estiver a Palavra, aí está a pregação da cruz e da Ressurreição. E onde estiver o Espírito Santo a igreja cresce. Maranata.

A ordem sacerdotal de Jesus

ALMIRA FONSECA

Pastor jubilado, reside em Tatuí, SP.

Parece um tanto fora de propósito falar sobre a ordem sacerdotal a que Jesus pertencia, visto se ter como certo que Ele era o antítipo do sacerdote israelita. “Sendo o sumo sacerdote, em sentido especial, uma figura de Cristo, era também o representante do homem”, diz M. L. Andreasen.¹ Não obstante, para explicar aos hebreus que Jesus era sumo sacerdote, o autor da carta dirigida àqueles cristãos apresentou vários pontos nos quais, por ser superior ao sacerdote levita, Jesus era diferente deste.

Verdade é que, como diz o autor de Hebreus, “a imagem” das coisas não é exata (Heb. 10:1). Há, contudo, aspectos importantes, nos quais a sombra difere bastante do corpo, permitindo que haja visíveis contrastes.

Muitas vezes, mesmo nos pontos em que o autor compara os dois sacerdócios, mostrando pontos em comum, ainda é possível verificar diferenças de grande significado entre o sacerdote israelita e seu serviço, e Jesus e a obra que realizou.

Assim, a tribo de Israel a que cada um pertencia, a ordem sacerdotal, o meio utilizado na escolha de cada um, e tantas outras coisas, constituem pontos contrastantes, salientados pelo autor de Hebreus, para mostrar a espécie de Sumo Sacerdote que desejava indicar aos seus destinatários.

Tal era a distância entre Cristo e o sacerdote israelita, que o escritor pondera: “Ora, se Ele estivesse na Terra, nem mesmo sacerdote seria (e poderíamos dizer: quanto mais sumo sacerdote), visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei” (Heb. 8:4). Em outras palavras, as chances de Jesus ser sacerdote pelo sacerdócio israelita, seriam nulas; simplesmente não existiriam. Jamais teria Ele condições de oferecer “dons”, pois a lei não Lhe facultaria esse direito. Seu sumo sacerdócio só foi possível porque subiu ao Céu, e ali permanece ainda hoje.

Consideremos, por conseguinte, pelo me-

nos os aspectos principais em que Jesus é apresentado como Se distinguindo do sacerdote israelita. Eles são facilmente encontrados ao lermos o livro de Hebreus, mas há benefício em examiná-los, pois fortalecem a nossa fé naquele em quem temos crido.

De tribos diferentes

Ao lermos as Escrituras como um todo, raramente nos damos conta de que Jesus pertencia à tribo de Judá, e que isso O impedia de ser sacerdote. Essa questão, porém, não passou despercebida ao autor de Hebreus. Em seu argumento a favor da superioridade de Jesus sobre o sacerdote levita, escreveu ele: “Porque Aquele de quem são ditas estas coisas, pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço no altar; pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.”² Era preciso levar em consideração esse ponto das Escrituras, bem como o texto bíblico que considerava a Cristo como sacerdote, mesmo sem pertencer à tribo legalmente escolhida.

Já com o sacerdote israelita, acontecia o contrário. Ele deveria pertencer necessariamente à tribo de Levi. Como sabemos, “por determinação divina a tribo de Levi foi separada para o serviço do santuário. ... O sacerdote, todavia, ficou restrito à família de Arão.”³ Levi e Judá eram irmãos, filhos da mesma esposa de Jacó. Um fora escolhido como representante de sacerdócio, o outro não. Se o sacerdócio de Jesus dependesse de Ele ter pertencido a uma tribo escolhida, jamais Lhe teria sido possível ser sacerdote, pois só a tribo de Levi foi separada.

É curioso que nunca um cidadão pertencente à tribo de Judá teve a audácia de entrar no santuário ou templo do povo israelita para officiar como sacerdote. Mesmo a atitude de Davi ao entrar na casa de Deus “quan-

do ele e seus companheiros tiveram fome”⁴ deve ter constituído um ato incomum. Jesus só justificou a atitude do rei de Israel, com base na “misericórdia” divina. Não fora a situação de necessidade de Davi, seu ato teria sido considerado uma profanação.

Sacerdote israelita, portanto, devia ser membro da tribo de Levi, mesmo em tempos quais a religião estava em dificuldade. Lembremo-nos, por exemplo, do caso de Mica.⁵ Embora

fosse idólatra, Mica não vacilou em empregar um levita como sacerdote, o qual, em busca de melhores condições de vida, apareceu na região montanhosa de Efraim. Pelo menos até que fosse tirado do poder do seu patrão por elementos pertencentes à tribo de Dã, foi sacerdote consagrado por seu senhor que, com ares de tranquilidade, dizia: “Sei agora que o Senhor me fará bem, porquanto tenho um levita por sacerdote.”⁶

Ordens sacerdotais diferentes

Assim como a tribo a que os levitas pertenciam era diferente daquela à qual pertencia Jesus, e da qual, como diz Hebreus 7:13, “ninguém serviu ao altar”, a ordem sacerdotal da qual Arão e seus filhos foram os primeiros a ser ordenados também era diferente da ordem que tornou a Cristo sumo sacerdote.

A ordem de Arão – Argumentando a respeito de quão mais importante era Jesus do que o sumo sacerdote levita, pergunta o escritor “que necessidade havia”⁷ de que outro sacerdote se levantasse segundo outra ordem que não fosse a de Arão. A lógica indicava que, se outra ordem sacerdotal estava sendo apontada não de acordo com a já existente, era porque a primeira havia perdido a sua vigência, embora pudesse ainda estar sendo exercida.

Sabemos como foi instituída a “ordem de Arão”. Moisés se encontrava no Monte Sinai, recebendo as instruções sobre o tabernáculo e tudo o que lhe diz respeito. Cada peça

fora mencionada, explicada a maneira de fazer cada objeto. Por fim, veio a ordem: “Depois tu farás chegar a ti teu irmão Arão, e seus filhos com ele, do

meio dos filhos de Israel, para Me administrarem o ofício sacerdotal; a saber: Arão, Nadabe a Abiú, Eleazar e Itamar, os filhos de Arão”.⁸ A recomendação continua falando da escolha de pessoas habilitadas para o preparo das vestes que aqueles homens separados para o serviço sagrado deveriam usar, enquan-

to estivessem oficiando nos lugares do santuário a eles destinados.

Moisés não havia fechado a pasta com as instruções recebidas, quando foi informado por Deus de que os fundidores estavam tirando do forno, ainda quentinho, um bezerro de ouro para ser adorado. E o que é pior: Arão estava envolvido na transgressão como um dos principais culpados, embora pelo fato de ter sido pressionado!

Dilúdo o bezerro de ouro,⁹ Moisés quis saber quem era do Senhor (verso 25). A resposta positiva dos filhos de Levi, a cuja tribo Arão pertencia – mas certamente a intercessão de Moisés para que Deus perdoasse o pecado do povo (verso 32) – parece ter feito com que os planos divinos a respeito do futuro sumo sacerdote e seus filhos fossem mantidos. Ao menos é o que se deduz, ao ler o relato bíblico: “Farás também chegar a Arão e seus filhos à porta da tenda da congregação, e os lavarás com água. E vestirás a Arão os vestidos santos, e o ungrás e o santificarás, para que Me administre o sacerdócio.”¹⁰

Levítico 8:6-30 descreve o procedimento seguido por Moisés na investidura dos novos responsáveis pelo serviço ministerial. No capítulo nove, vemos já o sumo sacerdote recém-escolhido em plena atividade. E foi assim, até ser dito a Moisés: “Toma a Arão e a Eleazar, seu filho, e faze-os subir ao monte Hor. E despe a Arão os seus vestidos, e veste-os a Eleazar, seu filho, porque Arão será recolhido, e morrerá ali”,¹¹ ordem que foi cumprida por Moisés.

Desde então, os substitutos de Arão foram-se sucedendo, até que o povo judeu se tornasse dominado pelos césores, e a ordem sacerdotal desaparecesse. Nesse ínterim, homens como Esdras e o pai de João Batista, Zacarias, prestaram relevantes serviços à causa de Deus.

A ordem de Cristo – No mesmo verso bíblico onde se fala a respeito da ordem de Arão (Heb. 7:11), menciona-se também a ordem sacerdotal a que Jesus pertencia, isto é, a “ordem de Melquisedeque”. O autor de Hebreus pergunta, como já foi dito, que necessidade havia de que surgisse um sacerdote pertencente a essa ordem sacerdotal, e não à ordem de Arão, “se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico”.

O autor da epístola começa falando sobre a figura de Melquisedeque com uma espécie de censura aos destinatários. Ele diz que poderia ser dita muita coisa a respeito desse personagem, mas os leitores da carta se haviam tornado “negligentes para ouvir”. Diz-lhes que ainda estavam necessitando de leite, quando já deviam estar usando alimento sólido. Admite que as coisas a serem afirmadas sobre a estranha figura, eram de interpretação difícil; mas havia muito o que dizer quanto a ele.¹²

O escritor da carta menciona algumas particularidades ligadas à pessoa de Melquisedeque, a cuja ordem Jesus pertencia. Em Hebreus 7:1-3, vemos que ele possuía os seguintes característicos: 1) Era rei; 2) era sacerdote do Deus Altíssimo; 3) abençoou a Abraão; 4) não tinha pai, nem mãe, nem genealogia; 5) não teve princípio de dias nem fim de vida; 6) foi feito semelhante ao Filho de Deus, ou era semelhante a este; 7) permanece sacerdote para sempre.

Muitos estudiosos das Escrituras aceitam que Melquisedeque possuísse esses característicos – mesmo porque seria difícil negá-los – mas os interpretam a seu modo ou, o que é pior, ao modo de outros, por falta às vezes de acompanharem o raciocínio bíblico.

Com respeito ao fato de Melquisedeque ser “sem pai, sem mãe, sem genealogia”,¹³

por exemplo, explica-se que isso quer dizer apenas que não havia registro dessas coisas, ou que esses registros não eram conhecidos. Essa saída pela tangente até que poderia ser aceita. Mas o que dizer com relação ao fato de Melquisedeque não ter “princípio de dias nem fim de vida”, ser “semelhante ao Filho de Deus” e permanecer “sacerdote para sempre”?

O que o escritor de Hebreus queria provar era que Jesus pertencia a uma ordem sacerdotal perpétua, em comparação com outra de caráter transitório. Por isso, ao referir-se à questão do dízimo entregue por Abraão a Melquisedeque, registrada em Gênesis 14:20, argumenta que na ocasião em que os leitores da carta viviam, certamente tomavam o dízimo *homens que morriam*; no tempo em que o patriarca entregou o dízimo, “aquele de quem se testifica que vive”.¹⁴

É bom não nos esquecermos de que a referência à ordem de Melquisedeque foi feita por Davi no Salmo 110:4, e que entre o suave cantor de Israel e Abraão se passaram aproximadamente mil anos, segundo fontes de confiança. Pois bem, o autor de Hebreus argumenta que, segundo Davi, um milênio depois de Abraão, Melquisedeque ainda vivia. E convém notar que ele já não devia ser muito jovem, quando apareceu a Abraão.

A lógica do escritor de Hebreus é correta:

O que o escritor de Hebreus queria provar era que Jesus pertencia a uma ordem sacerdotal perpétua, em comparação com outra de caráter transitório.

se a finalidade era indicar que Jesus era um sacerdote eterno, que vantagem haveria logo em que pertencesse a uma ordem sacerdotal cujos participantes morriam? Era imperiosa a necessidade de que viesse de uma ordem que revelasse

perpetuidade. E as Escrituras diziam ser essa ordem a de Melquisedeque.

As vestes sumo-sacerdotais

Uma das coisas em que às vezes se procura semelhança entre Cristo e o sumo sacerdote israelita, são as vestes sumo-sacerdotais. Mesmo nisso, porém, os pontos em comum são poucos, se é que podemos encontrar algum.

As vestes do sumo sacerdote levita eram

compostas, basicamente, de sete peças, de acordo com Levítico 8:7-9: túnica, cinto, manto, éfode, cinto lavrado do éfode, peitoral (no qual estavam o Urim e o Tumim) e a mitra de ouro (a coroa da santidade). O texto citado não menciona se apenas Nadabe e Abiú estavam presentes por ocasião da ordenação, mas é possível que pelo menos eles estivessem. Sua vestimenta se compunha de apenas três peças, conforme relata o verso treze: túnica, cinto e mitra.

Poucas são as referências feitas no Novo Testamento às vestes de Jesus, e Sua túnica inconsútil não parece confundir-se com as roupas usadas pelo sumo sacerdote levita. O vidente de Patmos relata que viu “no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro.”¹⁵ Mas além do vestido e do cinto, não existem outras semelhanças entre o Filho do homem e o sacerdote israelita. Este não tinha cabelos brancos como a lâ (pelo menos obrigatoriamente), pés semelhantes ao latão reluzente; nem lhe saía da boca uma aguda espada. Além de outros característicos relatados no texto.

Lei e juramento

Entre os argumentos usados pelo autor de Hebreus – em torno de dez, só no capítulo sete –, para mostrar a superioridade do sacerdócio de Jesus sobre o sacerdócio levítico, figura a questão da lei e a do juramento. Essas duas questões, bem como as várias outras utilizadas pelo autor, mostram o contraste existente entre os dois sacerdócios, colocando Cristo sempre em vantagem.

A lei a que se faz referência nessa argumentação é a lei levítica que se relacionava com a instituição do ministério sacerdotal do povo israelita. O autor de Hebreus menciona-a seis vezes no sétimo capítulo, referindo-se ora ao dízimo entregue por Abraão a Melquisedeque, ora à perfeição do sacerdócio levítico; mostrando que ela não aperfeiçoou coisa alguma, ou declarando a espécie de homens que ela constituía. Considerava ele que, “mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz mudança na lei”.¹⁶ Achava que esta não deveria continuar mais em vigor, sendo que havia sido instituída por Deus outra ordem sacerdotal posterior e mais perfeita.

O verso bíblico usado pelo escritor em

defesa do sacerdócio de Jesus (Salmo 110:4), inicia-se com o verbo jurar. “Jurou o Senhor, e não Se arrependará.”¹⁷ O juramento sempre teve um valor especial entre o povo hebreu; agora, porém, tinha um peso muito maior, por ser o Senhor quem o estava fazendo.

O sacerdote israelita não havia sido fruto de juramento. “Porque certamente aqueles, sem juramento, foram feitos sacerdotes”.¹⁸ O Senhor não havia jurado que seria sacerdote. Ele era o resultado de um sistema legal. A lei disse o que devia ser feito, e Moisés executou a ordem. Embora ambas as coisas procedessem de Deus, a lei tinha caráter transitório; o juramento possuía sentido eterno. “Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre”,¹⁹ comenta o autor da carta.

Muitos outros pontos de contraste poderiam ser mencionados, além dos que foram comentados neste artigo, mas ficaremos com estes, a fim de não nos estendermos demais. O pesquisador das Escrituras verá que, mesmo em pontos nos quais o autor de Hebreus procura estabelecer um paralelo entre o dois sacerdócios, ele não consegue fugir do contraste, como no caso do lugar em que o sumo sacerdote entrava, e o lugar no qual Jesus entrou e continua.

Por isso, o conselho do autor não poderia ser mais oportuno, para finalizarmos este trabalho: “Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.”²⁰

1. M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, pág. 57.

2. Hebreus 7:13 e 14.

3. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 361.

4. Mateus 12:4.

5. Juizes 17:10.

6. Juizes 17:13.

7. Hebreus 7:11.

8. Êxodo 28:1.

9. Êxodo 32:20.

10. Êxodo 40:12 e 13.

11. Números 20:25 e 26.

12. Hebreus 5:11.

13. Hebreus 7:3.

14. Hebreus 7:8.

15. Apocalipse 1:13-16.

16. Hebreus 7:12.

17. Hebreus 7:21.

18. Hebreus 7:20.

19. Hebreus 7:28.

20. Hebreus 4:16.

Gênesis e cronologia

CLYDE L. WEBSTER JR.

Ph.D., cientista no Instituto de Pesquisas
Geocientíficas, na Loma Linda University,
Califórnia, EUA.

Ouvindo estimativas da idade da Terra, que variam de seis mil a mais de quatro milhões de anos, você pode se perguntar: "Que diferença faz o que eu creio sobre a idade da Terra e há quanto tempo a vida existe nela?" Suas convicções sobre tais questões refletem sua percepção da credibilidade da Bíblia. Elas também fazem uma importante diferença em como você interpreta as hipóteses oferecidas pela ciência e a informação apresentada nas Escrituras.

Como cristãos que creem na Bíblia, aceitamos como fato que Deus criou a Terra. Como seres inteligentes, esforçamo-nos para entender a criação de Deus usando os instrumentos de análise oferecidos pela ciência humana. A datação radiométrica está entre os mais difundidos métodos usados para calcular a idade do nosso planeta. Tal método está baseado na análise da radioatividade na matéria. Este artigo explora o que a datação radiométrica pode nos informar acerca da idade da Terra e do nosso sistema solar, e as implicações para nossa interpretação do registro bíblico da Criação.

Breve histórico

O estudo da decomposição radioativa (decomposição natural e espontânea dos átomos), tem menos de um século de idade. Em 1896, o físico francês Henri Becquerel relatou para a Academia de Ciências em Paris a decomposição radioativa do urânio. Em 1904, Lord Ernest Rutherford reconheceu o potencial em se observar a decomposição da passagem do tempo.

Dois anos depois, Rutherford e Soddy calcularam a idade de uma amostra de urânio, encontrada no estado de Connecticut, EUA, em 550 milhões de anos.

Apesar das promissoras aplicações, a datação radiométrica não foi plenamente explorada senão muitos anos depois, com a grande atividade radiocronológica que acon-

teceu depois da Segunda Guerra Mundial. O famoso livro de W. J. Libby, *Radiocarbon Dating*, foi publicado há pouco mais de 30 anos. Portanto, como área de ciência relativamente nova, a datação radiométrica ainda sugere muitas questões não respondidas.

Definição

Para discutirmos a questão a que nos propusemos, é necessário que os leitores estejam, pelo menos superficialmente, familiarizados com o processo de decomposição radioativa que é estudada para determinar a idade radiométrica. Sucintamente, a datação radiométrica busca estabelecer a idade da matéria baseada na proporção decrescente dos isótopos e a constância do índice de decomposição de isótopos radioativos presentes. Os isótopos são dois ou mais átomos cujos núcleos têm o mesmo número de prótons, porém um número diferente de nêutrons. O núcleo atômico dos isótopos radioativos é instável. Na proporção em que eles mudam para uma configuração mais estável, os núcleos se desfazem em partículas subatômicas, elementos diferentes e carregados de energia. Na medida em que a decomposição avança, o material radioativo "progenitor" (exemplo, o urânio) é transformado em descendente ou produto "filho" mais estável (exemplo, o tório, etc.). Este processo continua até que um produto "filho" estável seja alcançado (no caso do urânio, este é o chumbo).

A extensão de tempo requerido para que a metade do material progenitor original se decomponha é conhecido como "meia-vida" do isótopo. Estas meias-vidas variam daquelas muito curtas para serem medidas (menos que 0.000000001), àquelas extremamente longas (mais de um bilhão de anos). Para um determinado isótopo radioativo, a idade infinita é assumida depois de se passarem sete a dez meias-vidas, porque depois desse ponto é estatisticamente impossível detectar

a presença de isótopo progenitor. Um objeto que é infinitamente antigo com respeito a todos os isótopos poderia não demonstrar qualquer radioatividade, pois o isótopo radioativo teria se decomposto completamente em seus produtos filhos estáveis. Embora a datação radiométrica seja amplamente usada e aceita, ela está longe de ser um método livre de problema, como veremos a seguir.

Nosso sistema solar

Ofato de que encontramos isótopos radioativos presentes em materiais da Terra, Lua e meteoritos, fortemente sugere que nosso sistema solar tem idade finita. Pode essa idade ser calculada? Idades potencialmente mínimas e máximas para o nosso sistema solar podem ser obtidas através de uma análise das proporções dos isótopos radioativos, proporção progenitor/filho e isótopos radioativos ausentes. Por exemplo, o urânio-238 tem uma meia-vida de 4.47 bilhões de anos. Observando-se a limitação mencionada acima, a qual não permite o cálculo de idades além de sete a dez meias-vidas, concluímos que a presença do urânio-238 no sistema solar implica uma idade máxima de cerca de 45 bilhões de anos para sua consolidação. Esse cálculo é posteriormente refinado, analisando-se a proporção do urânio-235/urânio-238, a qual implica uma idade máxima de cerca de cinco bilhões de anos.

Usando-se o mesmo método de análise da proporção progenitor/filho, observando-se os casos onde os isótopos filhos são encontrados e os isótopos progenitores claramente ausentes, uma idade mínima pode ser obtida para a consolidação do sistema solar. Por exemplo, samário-146, com uma meia-vida de cerca de 100 milhões de anos, não é encontrado em depósitos que ocorrem naturalmente. Contudo, seu produto filho estável, neodímio-142, é encontrado em tais formações. Um cálculo de dez meias-vidas estabeleceria uma idade mínima para a consolidação em cerca de um bilhão de anos. Assim, esse processo leva-nos à interessante conclusão de que a idade radiométrica dos planetas, luas e meteoritos de nosso sistema solar pode variar entre um e cinco bilhões de anos.

Técnicas diferentes

Uma variedade de técnicas é usada (por exemplo, potássio-argônio, rubídio-es-

trônico, etc.) para medir a proporção progenitor/filho de diferentes elementos encontrados em uma amostra. Essa variedade de técnicas permite aos cientistas interpretar a idade aproximada, na qual um espécime experimentou eventos maiores, tais como sua formação elementar (nucleogênese), solidificação, aquecimento, refundição, choque, mistura com outros materiais, exposição à água ou a qualquer radiação de alta energia.

Os cientistas realizando mais de uma avaliação de idade radiométrica em determinada amostra, não se surpreendem quando os resultados de idade são diferentes. Essa discordância implica que a amostra em estudo pode ter experimentado mais de um evento modificador de idade. Tais eventos afetaram de diferentes formas os diversos isótopos em uma amostra. A discordância pode prover uma importante visão na cronologia dos eventos que uma amostra experimentou.

Em muitos casos, a datação radiométrica irá concordar, tanto física como quimicamente. Estas datas concordantes não podem ser facilmente explicadas e freqüentemente apontam para eventos físicos significantes. A concordância observada entre numerosas determinações de idade radiométrica para a consolidação de nosso sistema solar é um destes eventos. Contudo, antes que possamos estabelecer a idade do nosso sistema solar, é crucial notar que a concordância de datas radiométricas não implica automaticamente direta correspondência entre a idade radiométrica e o tempo real.

Idade radiométrica e o tempo real

A idade radiométrica e a idade cronológica podem ser assumidas como sendo equivalentes apenas se os seguintes critérios forem satisfeitos:

1. As condições iniciais são especificadas com um alto grau de precisão. Em outras palavras, se houve qualquer progenitor ou produto filho radioativo presente inicialmente, esses devem ser conhecidos com precisão.

2. As decomposições radioativas constantes sob estudo permaneceram inalteradas durante o período de vida da formação mineral.

3. A amostra permaneceu uma amostra fechada. Em outras palavras, a amostra foi química e fisicamente isolada desde sua fixação.

E importante perceber que o clima acadêmico no qual as técnicas de datação radiométrica foram desenvolvidas, presumiu longos períodos para o desenvolvimento das formas vivas através de evolução. Essa pressuposição removeu a busca de evidências para tais idades.

Esse pensamento também produziu uma pressuposição simplista e não justificada: que os relógios "radiométricos" em matéria são ajustados ou reajustados em zero, quando a matéria moveu-se devido à ação ígnea ou sedimentária (por exemplo, fluxo de lavas e depósitos de rios, respectivamente, etc.), ao invés de reterem todas ou parte de suas "informações de idade" durante o seu transporte.

No processo de fossilização (quando o material de uma forma orgânica, tal como as plantas, é substituído por um mineral), a hipótese do ajuste em zero sugere que a idade radiométrica do material mineral no fóssil ou aquele ao redor, é também o mínimo tempo real do fóssil. Apoio não qualificado de tal aplicação da hipótese do ajuste em zero pode ser descrito como sustentando uma "piada de cemitério". É semelhante a uma pessoa tentar calcular a idade de um corpo enterrado, analisando a idade de uma camada do solo tanto acima como abaixo do caixão, ao invés de ler a lápide. Não devemos caracterizar qualquer pessoa que use a hipótese do ajuste em zero como sustentando essa "piada de cemitério", mas devemos observar tais exemplos como enfatizando um importante conceito que é geralmente desconsiderado. Simplificando, as idades radiométricas para os minerais componentes da terra em um cemitério não determinam necessariamente as idades das pessoas sepultadas nele.

Enquanto ampla evidência apóia a hipótese do ajuste em zero de vários sistemas de cronômetros radiométricos, durante o transporte ígneo ou a metamorfose de minerais, o que não é bem publicado é que a literatura científica também autentica a herança de características de idade radiométrica estabelecidas anteriormente durante o processo de metamorfose e transporte ígneo. Em algumas situações, as características de idade, medidas independentemente, têm sobrevivido a eventos vulcânicos. A sobrevivência de tais características de idade pode estar em

qualquer ponto entre completa e não existente. Vamos ilustrar isso.

O fluxo vulcânico do Monte Rangitoto, em Auckland, Nova Zelândia, oferece uma data de potássio-argônio (K-ar) de 485 mil anos. Contudo, essa erupção destruiu uma floresta de árvores que têm data de carbono-14 que é menos que 300 anos! A lava rochosa do Monte Capulin, no Nordeste do Novo México, EUA, tem aproximadamente quatro vezes mais produto filho radiogênico de argônio-40 que se esperaria ter-se acumulado durante a idade dessa rocha. Além disso, se a rocha fosse tão radiométrica, ela deveria ser potássio puro.² Outras incongruências dessa natureza têm sido relatadas.³

Em 1976, foi relatado que sedimentos recentemente depositados no fundo do Ross Sea, Antártida, exibiam uma idade rubídio-estrontio (Rb/Sr) de 250 milhões de anos em vez de uma idade zero, a qual seria a idade esperada devido ao caráter recente dos depósitos sedimentares. Estudo posterior revelou que as duas fontes dos sedimentos do Ross Sea, as Montanhas Transantárticas e as Montanhas Antárticas Ocidentais, tinham idades Rb/Er de 450-470 milhões de anos respectivamente.⁴ É evidente que os sedimentos do Ross Sea não foram submetidos à idade de ajuste em zero, mas são uma combinação das características radiométricas das duas áreas de origem.

Idades radiométricas que extrapolam os limites esperados são atribuídas a vários fatores: ajuste incompleto do relógio radiométrico na formação do mineral, remoção parcial do isótopo-progenitor, ou uma infusão do isótopo-filho após a formação do mineral. Por outro lado, idades radiométricas menores que as esperadas podem ser atribuídas à remoção parcial do isótopo-filho após a formação do mineral ou uma infusão do isótopo-progenitor.

Esses tipos de ilustrações são numerosos, mas penso que aquilo que eu queria enfatizar está demonstrado: quando se trata, principalmente, com materiais sedimentários, e fósseis em particular, parece altamente provável que as idades radiométricas representem mais razoavelmente as características iniciais das fontes dos materiais nas quais os organismos foram sepultados, em lugar de apresentarem a época do sepultamento deles.

Agora que determinamos que os fósseis não partilham necessariamente a mesma idade

radiométrica da rocha ao seu redor, enfrentamos o desafio de determinar o significado das características radiométricas. Conserve em mente que estas características não apenas representam a característica radiométrica inicial do material analisado, mas também qualquer mudança que tenha sido produzida por calor, água, etc., durante o processo de relocação. De acordo com Gênesis 1, 7 e 8 nosso planeta experimentou três maiores modificações que deveríamos esperar terem alterado as características de muitas formações minerais na crosta planetária. Essas modificações são o surgimento de continentes e bacias oceânicas no terceiro dia da semana da Criação, as subsequentes mudanças na crosta e redução do contorno topográfico até que o planeta estivesse outra vez coberto por água (no Dilúvio), e o reaparecimento dos continentes e bacias oceânicas após o Dilúvio. Cada uma dessas modificações, e particularmente os efeitos combinados de todas as três, introduzem severas complicações na interpretação da informação radiométrica para muitos dos espécimes minerais disponíveis para nosso estudo.

Estratégia para acomodação de dados

Esta discussão tem sido limitada aos dados de idade radiométrica para minerais inorgânicos, especialmente aqueles associados com fósseis. Três estratégias podem ser consideradas para acomodar estes dados aos presentes nas Escrituras.⁵

1. Ignorar qualquer dado provido pelas técnicas radiométricas.

2. Assumir que a Terra, Lua e estrelas têm apenas alguns milhares de anos de idade e que os dados radiométricos observados hoje são apenas o resultado dos processos que não são completamente entendidos (alguns sugerem que a Terra foi criada com idade aparente).

3. Assumir que as atividades da recente semana da Criação (milhares, não milhões de anos no passado) envolvem grandes quantidades de materiais inorgânicos elementares que foram criados previamente, talvez 4.56 bilhões de anos no passado.

A primeira abordagem não é uma alternativa real e portanto não merece nenhuma consideração adicional.

Idade real ou aparente?

A segunda alternativa é tomada por muitas pessoas cujas convicções concernen-

tes à interpretação bíblica da Criação não permitem uma idade de 4.5 bilhões de anos para o material inorgânico encontrado no sistema solar. Essa abordagem assume que aquilo que muitos crêem serem características radiométricas de longo termo foram introduzidas no material inorgânico na recente Criação por razões que desconhecemos. Alguns interpretam estas características de longo termo como "idade aparente".

O apoio mais forte para essa abordagem vem da narrativa do Gênesis referente ao quarto dia da semana da Criação, o qual pode ser usado para apoiar a noção de que o Sol, Lua e estrelas foram trazidos à existência nesse dia. Contudo, essa interpretação apresenta alguns problemas.

Se o Sol, Lua e estrelas foram criados no quarto dia, há apenas poucos milhares de anos no passado, então Deus também criou as ondas de luz em trânsito, fazendo parecer como se elas tivessem originado em várias estrelas muitos milhões de anos no passado. As estrelas também teriam sido criadas em vários estágios de maturidade, dos buracos negros às gigantescas estrelas vermelhas, às pequenas estrelas brancas. Em adição, a nova e a supernova, tais como as SNI1987A,⁶ e outros eventos que parecem ter acontecido centenas de milhares de anos no passado, de acordo com a informação transmitida pelas ondas de luz, são meras ilusões impostas por tais ondas.

A "aparência de idade" do material inorgânico ou os vários estágios de maturidade das estrelas podem ser considerados como manifestações dos poderes criativos de Deus. Contudo, a criação de ondas de luz aparentemente em trânsito por milhões de anos, e levando a evidência da supernova mas que realmente não aconteceu, parecem ser ilusões – ilusões objetáveis porque implicam que Deus é desonesto. Por que haveria o Criador que fabricar evidências para eventos que não ocorreram ou julgar necessário mudar as leis que governam a velocidade da luz?

Uma interpretação mais ampla

A diferença entre a segunda e a terceira alternativas mencionadas anteriormente depende da amplitude com que se interprete Gênesis 1:1-3.

"No princípio criou Deus os Céus e a Terra. E a Terra era sem forma e vazia, e ha-

via trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. E disse Deus: haja luz; e houve luz."

Parece que o primeiro dia da semana começa realmente no verso três.

A terceira abordagem assume que o material inorgânico existia em nosso planeta antes da criação da vida. O raciocínio é o seguinte: O verso um identifica Deus como criador, independente de quando o processo da Criação tenha acontecido. O verso dois identifica a Terra antes da semana da Criação como sem forma (isto é, em organização específica) e vazia (isto é, sem habitantes).

Não há referência nas Escrituras, dentro da semana da Criação, que trate da criação das águas ou dos componentes minerais da terra seca. A única referência feita quanto à criação deles é "no princípio". Parece possível então que o material inorgânico elementar não está associado com uma idade limitada, da mesma maneira como o material vivo.

As alternativas dois e três sugerem fortemente que a idade radiométrica atribuída aos minerais inorgânicos associados com um fóssil é mais um reflexo das características do material original do que uma indicação da idade do fóssil; contudo, na abordagem dois, isto fica aberto para questões, uma vez que toda idade é "aparente".

Ciência e fé

Se a ciência indica uma hipótese particular, Se as Escrituras a permitem, parece razoável aceitar tal posição. Enquanto esta abordagem minimiza os conflitos entre interpretações científicas e bíblicas, nem todas as questões podem ser respondidas. Permanecem áreas que requerem mais que uma pequena medida de fé.

Devemos perceber que não há forma de partir diretamente dos dados radiométricos para a criação da matéria viva dentro dos 10 mil anos passados e um dilúvio universal, há cinco mil anos no passado. Estes são conceitos religiosos que são aceitos com base na fé, da mesma forma que a salvação.

Através de uma adequada combinação desta perspectiva de fé e da ciência é possível obter uma compreensão mais completa de Deus, nosso Criador e Sustentador. Buscando harmonizar o caráter de Deus como revelado nas Escrituras e a Natureza, devemos buscar um modelo que seja consistente com ambas

as fontes de informação. A terceira alternativa mencionada acima começa satisfazendo essas exigências. Onde não encontramos tal consistência, devemos buscar uma melhor compreensão das duas fontes de revelação: a Natureza e as Escrituras, pedindo a direção do Espírito Santo durante nossa busca.

A datação radiométrica é uma ciência interpretativa. Os complexos processos químicos e físicos que aconteceram dentro da Terra e sua crosta não são completamente conhecidos ou entendidos. Isto é especialmente verdade quando os parâmetros dos isótopos radioativos são considerados. Somando-se tais incertezas com o fato de que há numerosas ocasiões onde as idades radiométricas não estão em harmonia, parece lógico, e quase obrigatório, considerar seriamente outras fontes de dados para determinar o tempo da Criação. Para o cristão que é um cientista, esta fonte primária são as Santas Escrituras.

1. I. McDougal, "Excess Radiogenic Argon in Young Subaerial Basalts from Auckland Volcanic Field", *New Zealand, Geochimica et Cosmochimica Acta* 33, 1969, págs. 1485-1520.

2. E. W. Henneke e O. K. Manuel, "Nobel Gases in Lava Rock from Mount Capulin, New Mexic", *Nature* 256, 1975, págs. 284-187.

3. Um poço de petróleo no sudoeste de Louisiana, EUA, que foi perfurado em formações que tinham uma idade geológica convencional entre 5 e 25 milhões de anos (Mioceno) produziu cortes de broca de uma camada em um nível de 5.190 pés de profundidade que tem uma idade K-Ar de 254 milhões de anos. Quando tais cortes foram examinados em componentes do tamanho de partículas, a média da idade K-Ar foi determinada em 164 milhões de anos para as partículas menores que metade de um micro em diâmetro, 312 milhões de anos para partículas na variação 1/2 - 2 micros em diâmetro, e 358 milhões de anos para partículas maiores que dez micros em diâmetro. É evidente que a maior proporção da superfície por volume para as partículas menores favorece a difusão e perda do argônio-40 que foi herdado da mesma fonte nesta camada. A perda do argônio resultou em idades menores. As características da idade radiométrica de sedimentos nos quais tal poço foi perfurado refletem as características de idades radiométricas de outras áreas-fontes escoadas pelos sistemas dos rios Missouri e Ohio, não o tempo da sedimentação.

4. Nelson R. Shafer e Gunter Faure, "Regional Variation of SR-87/Sr-86 Ratios and Mineral Compositions of Sediment from the Ross Sea Antarctica", *Geological Society of America Bulletin* 87, 1976, págs. 1491-1500.

5. Estes conceitos foram originalmente propostos por Robert H. Brown, diretor aposentado do Instituto de Pesquisa Geocientífica.

6. Kenneth Brecher, "Fascinating Supernova", *Plusyscs Today* 41, 1988, págs. S-7 a S-9.

Meu marido cometeu adultério

MARIE DICKSON

(pseudônimo)

Eu era uma esposa de pastor. Meu esposo era um destacado ganhador de almas e um excelente pregador. Ele tinha carisma, atraía pessoas e ganhava sua amizade. Por muitos anos, seu compromisso de servir ao povo era genuíno. Desafortunadamente, ele acabou tornando-se bastante íntimo de uma determinada mulher na igreja.

Durante 25 anos seu jeito cálido e maneiras galantes ganharam a amizade de muitas senhoras. Eu aceitava isso como parte de sua personalidade. Então, alguma coisa aconteceu. Ele cometeu adultério.

Num olhar retrospectivo, agora vejo que eu estava sendo repudiada. Considerando meu esposo um homem bondoso, eu não poderia compreender que ele sequer considerasse a possibilidade de ter um caso. De fato, eu acreditava em sua correção até a última semana em que vivemos juntos. Qualquer que tenha sido o seu grau de falsidade e rejeição, tentei pensosamente fixar nosso relacionamento. Sugeri-lhe várias vezes darmos uma escapada por uns poucos dias, ou passar um fim de semana em família, mas sua resposta era sempre “não”. Eu não podia compreender o por quê. Então minha saúde começou a debilitar-se. Sentia dores de cabeça, tinha enxaqueca e aumento de pressão sanguínea. Mas após descobrir o que estava acontecendo, esses sintomas desapareceram.

A outra mulher

Quem era a outra mulher? Alguém a quem meu esposo dera estudos bíblicos e batizara. Eu percebera muitas indicações de laços afetivos sendo formados. Algumas vezes falei-lhe a respeito disso, mas ele sempre me

convencia de que eu estava enganada. Fazia com que acabasse me sentindo uma tola por imaginar que havia algum problema. Depois de tudo, a outra mulher era minha amiga íntima, também. Sentava-se ao meu lado, na igreja, cada semana. Juntamente com seu esposo e duas crianças, partilhamos dias felizes e ocasiões especiais juntos. Dava-me presentes, dizia amar-me e valorizar nossa amizade tão especial. Frequentemente orávamos juntas.

Posteriormente eu soube que ela sentiu-se atraída por meu esposo desde a primeira vez em que se encontraram. A combinação de sua paixão e a personalidade galanteadora do meu marido providenciou o combustível. Em pouco tempo, ambos estavam brincando com fogo. Quando a verdade finalmente veio à tona, o caso já se estendia por quase dois anos.

Minha primeira reação foi de descrença. Então veio a devastação. Senti como se meu coração fosse arrancado, e eu me tornasse apenas a metade de uma pessoa. Meu esposo não compreendia a minha dor, ou pelo menos aparentava agir como se fosse assim. Emocionalmente, eu já não podia cuidar das pequenas coisas da vida, muito menos das grandes. Financeiramente, deparei-me impossibilitada de continuar na casa onde morava, e tinha de mudar-me. Enquanto isso, tendo deixado todas as responsabilidades sobre meus ombros, meu marido mudou-se para um hotel com sua amante. Depois passou a residir perto do meu local de trabalho e regularmente frequentava a igreja.

Pessoas devastadas

Nossos filhos, embora sejam jovens crescidos, também se sentiram decepciona-

dos. Eles ainda lamentam e choram. Questionam se todas as coisas nas quais eles acreditaram eram verdadeiras. Questionam se Deus é real e são desinteressados por religião. A vida jamais será a mesma para eles.

Os filhos da outra mulher, que ainda são crianças, têm problemas na escola e não progredem na aprendizagem. Ambos vivem depressivos. Seu ex-marido vê a Igreja Adventista do Sétimo Dia como uma seita esquisita. Ele acha que não pode relacionar-se com uma religião que desfaz lares.

Para mim, também não é fácil aceitar tudo isso. Depois de saber a respeito do caso, orei longa e fervorosamente ao Senhor, a fim de que Ele restaurasse o bom senso em meu marido. Por um breve período, até pareceu que seria possível uma reconciliação. No dia em que nosso casamento completaria 29 anos, ele veio à minha casa para conversar. Mas sua amante demonstrou-se tão implacável ao exigir sua volta, que até ameaçou suicidar-se. Ela finalmente conseguiu o que queria. Eu fui deixada só.

Mas não são apenas os familiares abandonados que sofrem quando o pastor cai nesse tipo de pecado. A credibilidade do evangelho, o ministério como um todo e a igreja são maculados. Assim, muitas vidas acabam sofrendo. As pessoas telefonam e pedem para que eu as ajude compreender o que aconteceu, mas em virtude de meu próprio estado mental eu seria a pessoa menos indicada para fazê-lo.

Embora o tempo cure as mágoas, eu ainda sofro cada dia por meus filhos. Eles amam a seu pai e desejam que ele esteja bem. Até tentam apoiá-lo, mas para fazer isso devem aceitar a outra mulher como sendo uma madrasta, ao invés de uma amiga da família. Eles sabem que perderão qualquer esperança de um relacionamento com seu pai, a menos que aceitem a situação nesses termos. Todavia, para eles, o sofrimento não acaba.

Recuperação

O adultério não é uma matéria entre duas pessoas, desde que muitos são afetados por ele. É tão doloroso quanto mortal, e os efeitos devastadores nunca se vão inteiramente. Os ofensores têm o "privilégio" de escolher enveredar pelo caminho do adultério, mas as famílias não têm escolha quanto ao sofrimento que lhes é imposto. Acho que a Igreja deveria ter um programa de recuperação para as famílias de pastores que caí-

ram em pecado. Afinal, parece que temos programas para cada coisa imaginável.

É essencial no processo de recuperação do adultério, que as pessoas envolvidas assumam a responsabilidade por suas ações e não tentem justificar o pecado. Esperar que a família e os amigos aceitem o comportamento imoral é irrazoável. Aqueles que cometem adultério, e tentam explicá-lo escrevendo uma nota de apologia para os que foram abandonados, não têm idéia da injúria que fazem. Poderia isso medir os resultados do esfacelamento do lar de alguém?

Eu estou cansada de ouvir quão dura a Igreja se mostra para com ex-pastores que cometeram adultério. E é claro que amor, aceitação e perdão são bíblicos. Mas eles devem saber que verdadeiro arrependimento conduz à humildade e a uma atitude de restituição.

Quando Adão e Eva pecaram, eles iludiram-se a si mesmos, pensando que por causa do Seu amor por eles Deus excusaria sua desobediência. Mas compreenderam as consequências de seu pecado quando o Senhor amaldiçoou a Terra. A partir daquele ponto em sua experiência humana, eles viveriam cheios de ansiedade e em constante labuta. Sou grata porque Deus fez provisão, através do sangue de Cristo, para que perdão e salvação sejam acessíveis a todos. Mas a graça divina não confere licença para pecar, e o coração convertido não joga barato e baixo com o perdão divino.

É melhor prevenir

Meu objetivo ao narrar essa história é ajudar a pastores e outros líderes espirituais a compreenderem que o adultério é pior que a morte. Seus efeitos são de tal modo amplos e abrangentes que as pessoas nunca o esquecem ou se recuperam completamente.

Assim, se alguém está considerando a possibilidade de um caso, por favor, não avance. O excitação é tão breve e passageiro, e não vale o preço que sua família terá de pagar. Converse com alguém de confiança ou busque ajuda profissional qualificada. Acima de tudo, ore. O demônio do adultério é poderoso, e, para enfrentá-lo, é necessária a força de Deus. E enquanto busca as forças espirituais, renove os velhos sentimentos que uma vez alimentou pelo cônjuge. Dê carinho um ao outro e partilhem juntos a alegria que o casamento pode oferecer.

Influências que permanecem

SHAROM CRESS

Coordenadora da AFAM na Associação Geral

Timóteo tinha Paulo. Rute tinha Noemi. Sansão tinha Dalila. Samuel tinha Eli. Ester tinha Mardoqueu. Acabe tinha Jezabel. Bate Seba tinha Davi. Pedro podia contar com André. O que essas pessoas possuíam em comum? Bem, cada uma delas, por pior ou melhor que fosse, acabou encontrando alguém que exerceu forte influência em relação ao caminho que deveria seguir.

Quem está influenciando sua vida? A quem você procura quando necessita de um conselho sábio?

Como uma esposa de pastor jovem e inexperiente, eu necessitei da influência positiva de alguém. Jim, meu esposo, foi educado em uma família pastoral que moldou a sua vida. Mas Deus também estava me ajudando nesse sentido, mesmo antes de eu poder compreender tudo a respeito da influência. Bem cedo, em nosso ministério, aprendi o valor das pessoas que Deus providencialmente coloca em nosso caminho para ajudar-nos. Foi assim que pude receber de quatro esposas de pastores, muito especiais, benefícios que me acompanharão sempre. Certamente você também pode aprender de cada uma delas, ainda hoje.

Vinna Mansell

Quando nos encontramos, Vinna e seu esposo, Leslie, estavam às portas da jubilação. Eu acabara de sair do Seminário, e Vinna possivelmente estremeceu quando me viu pela primeira vez. Minhas saias eram tão curtas, meu cabelo ainda conservava aquele visual estudantil, e eu seguramente não me encaixava naquela imagem que a igreja alimentava de uma esposa de pastor. Uma antiga esposa de pastor já tinha me falado para adaptar-me à nova situação. Mas

como eu percebera nela mais espírito crítico e de ridicularização, do que amor e preocupação sincera com meu bem-estar, dei-lhe pouca atenção.

Vinna, pelo contrário, era a mais graciosa esposa de pastor que conheci. Sua bondade para com os outros, exalava como um fino perfume. Jamais se mostrava rude ou severa. Fazia a pessoa de quem se aproximava sentir que era o mais importante ser humano sobre a Terra. Parafraseando a Bíblia, Vinna era mais valiosa para o ministério de seu marido que finas jóias. Ela o complementava, estabelecendo um padrão de amorosa preocupação pelos membros da igreja.

Vinna não repreendia. Educava. Ela mostrou tolerância e amor incondicional para comigo, modelando o que eu poderia vir a ser, se estivesse disposta a mudar. Muito obrigada, Vinna Mansell. Você ensinou-me que as pessoas são o bem mais precioso da Igreja; bem como ser uma agradável esposa de pastor.

Corea Cemer

Quando veio o chamado para o evangelismo de tempo integral, eu fiquei estupefata. Eu não estava disposta a viver viajando para todos os lados. Queria estar à noite em minha casa e dormir sempre em minha própria cama. Queria ter uma vida minha, você sabe como é isso. Mas o Senhor tinha outros planos para mim. Por isso Ele pôs Corea em meu caminho. Ela já estava perto dos 70 anos, merecia a jubilação para desfrutar a "boa vida" que este velho mundo pode oferecer. Corea trabalhara ao lado do marido evangelista, no Caribe e nos Estados Unidos, conduzindo milhares de pessoas ao Senhor. Jim e eu agora éramos seus associados.

Corea contou-me muitas histórias do tempo em que cresceu em um campo de migrantes, quando viveu em tendas. O inspetor pagava-lhe um penny para cada 100 moscas que ela conseguisse matar. Ela nunca teve algumas das coisas bonitas com as quais outras mocinhas se alegravam, mas ganhava algum dinheiro a cada semana, com seu negócio de exterminação de moscas, suficiente para que logo conseguisse comprar um par de sapatos. Depois, já no ministério, ela trilhou a dura senda de campanhas evangelísticas através dos anos, sem se queixar. Seu marido, Ken, era um grande evangelista, e eu mesma sei que Deus o usou poderosamente. Mas, também creio que muitas pessoas ganhas para Cristo, através de sua pregação, podem ser contabilizadas no relatório de sua esposa. Muito obrigada, Corea Cemer, por ensinar-me o que é sacrifício próprio e paciência.

Marge Gray

Trocar a calorosa e ensolarada Flórida pelo gélido e sombrio Michigan foi difícil para mim. Experimentei um choque cultural e climático, mas, através dessa mudança, encontrei Marge Gray. Ela mostrou-me que Cristo espera da esposa do pastor muito mais que ser graciosa, ou ter espírito de renúncia própria. Ela quer tornar-nos verdadeiras ganhadoras de almas.

Marge demonstrou que uma esposa de pastor deveria ter um ministério próprio. Ela também dava estudos bíblicos e partilhava as boas novas de Jesus Cristo com centenas de pessoas. Marge, de fato, era autora de lições bíblicas para adultos e também elaborou cursos doutrinários para crianças. Eu

mesma tenho preparado muitos jovens e juvenis para o batismo, utilizando suas lições. Muito obrigada, Marge Gray, por inspirar-me a paixão por almas.

Merlo Bock

Merlo era esposa de um administrador quando a encontrei. Apreciei-a tão logo nos encontramos, em virtude de sua personalidade firme, determinada. Depois de educar seus filhos, Merlo retornou à faculdade, a fim de se preparar para sua dedicada e brilhante carreira como enfermeira. Ela jamais colocava-se acima das pessoas, nem pretendia ser alguém especial. Mas Jesus criou-a para isso. Ela ajudou-me a compreender que Deus faz cada pessoa especial, e valoriza nossa individualidade.

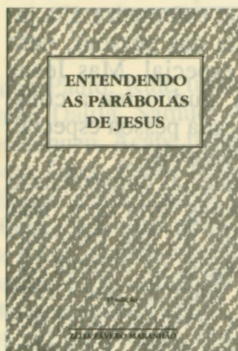
Merlo ensinou-me que tal compreensão me faria bem. Não apenas faria bem, mas seria muitíssimo melhor do que esforçar-me para espelhar a imagem de alguma outra pessoa. Ela me fez entender que Cristo não se enganou ao criar personalidades distintas, e faz isso para Sua glória. Raramente eu conversava com Merlo sem ouvir algo a respeito do seu grande anseio pela volta de Jesus. Agradeço a Merlo por ensinar-me que não necessitamos usar máscaras, e que é ótimo para mim, continuar sendo a pessoa que sou.

Em Seu plano para nossa vida, Cristo coloca em nossa companhia pessoas que nos fortalecem espiritualmente. Cada um de nós necessita tirar proveito da sabedoria daqueles que possuem mais larga experiência.

Quem está influenciando a sua vida? Como esposa de pastor, que lições está transmitindo às pessoas que lhe cercam?

BIBLIOTECA DO PASTOR

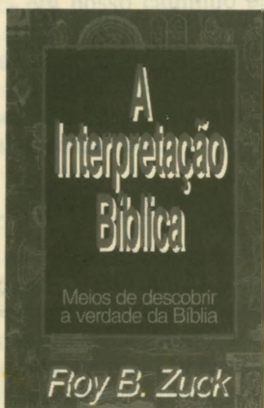
ENTENDENDO AS PARÁBOLAS DE JESUS – Zélia Fávero Maranhão, Editora Profecias Bíblicas, São Paulo, SP; 194 páginas.



Trata-se de um estudo homilético das parábolas narradas por Jesus Cristo. Seu objetivo, segundo a própria autora, é “compreender aquilo que Deus quer nos ensinar sobre o Seu reino e não aquilo que os homens pensam sobre o texto sacro. ... Não desprezei, no entanto, o consenso do pensamento universal cristão e busquei o maior número possível de comentadores dos temas em estudo. No entanto, a nenhum deles me ative”.

Leitura agradável e útil para pastores e outros estudiosos da Bíblia.

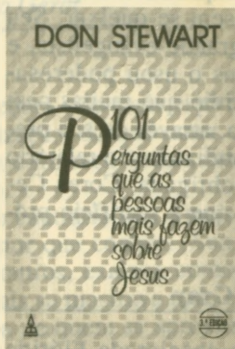
A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA – Roy B. Zuck, Edições Vida Nova, São Paulo, SP; 356 páginas.



É possível entender a Bíblia, de fato? “Sim!” É a resposta do Dr. Roy Zuck, deão e professor de Exposição Bíblica no Seminário Teológico de Dallas, nos Estados Unidos. O Dr. Zuck mostra como interpretar a Palavra de Deus e, até mesmo, dá ao leitor a oportunidade de pôr em prática os princípios bíblicos.

Clareza, objetividade, concisão e exposição bem coerente de conceitos caracterizam esta obra.

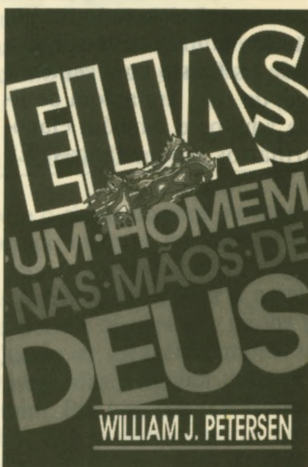
101 PERGUNTAS QUE AS PESSOAS MAIS FAZEM SOBRE JESUS – Don Stewart, JUERP, Rio de Janeiro, RJ; 178 páginas.



Para estudo bíblico, evangelização ou simples consulta, este livro fornece respostas práticas a muitas perguntas complicadas. É um livro útil que apresenta respostas concisas, baseadas na Bíblia, e um resumo, fácil de lembrar, de cada uma delas.

Don Stewart é pastor, conferencista e autor da alguns *best-sellers* como *Answers e Reasons*, e reside em Mission Viejo, Califórnia, EUA.

ELIAS UM HOMEM NAS MÃOS DE DEUS – William J. Petersen, Edições Vida Nova, São Paulo, SP; 148 páginas.



Que semelhanças há entre você e Elias? Ele era corajoso, e correu perigo. Teve medo, e fugiu. Possuía segurança em si, e em Deus. Era um solitário, e precisou de um amigo. Às vezes sentia-se desanimado e deprimido. Mas assim mesmo conheceu o Deus de Israel num relacionamento pessoal, nEle confiou e a Ele serviu obedientemente. O Deus de Elias está vivo hoje. É possível conhecê-Lo como Elias O conheceu.

sim mesmo conheceu o Deus de Israel num relacionamento pessoal, nEle confiou e a Ele serviu obedientemente. O Deus de Elias está vivo hoje. É possível conhecê-Lo como Elias O conheceu.